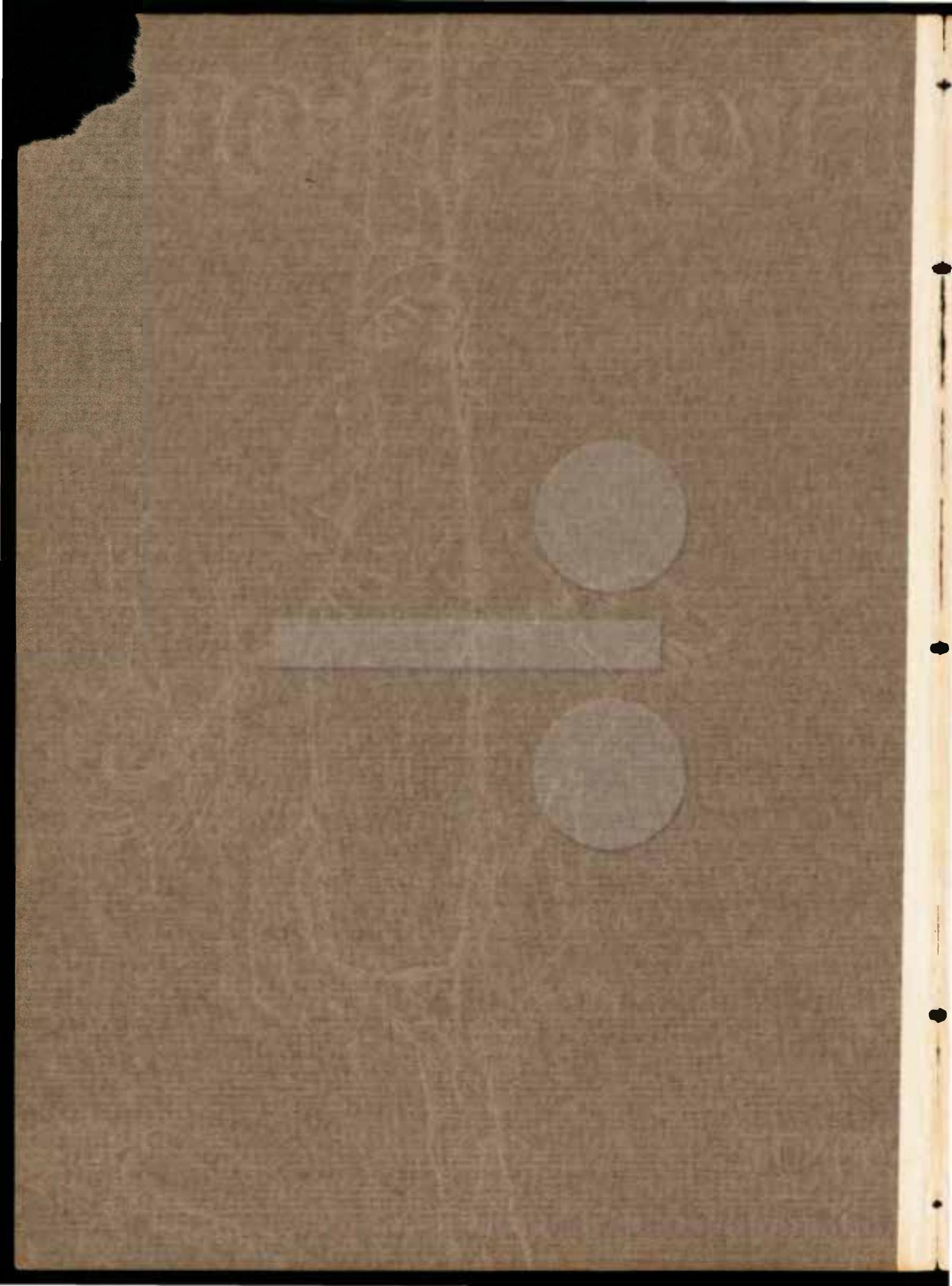


Frou-Frou...



ANNO I
Nº 5

PREÇO
2\$500





*Chrysálidas radiantes, as Senhoras surgem deslumbrante-
mente transformadas quando vestem as*

LINDAS MODAS DE PARIS
importadas pelo

PARC ROYAL

A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

Chapas Photographicas Hauff

EXTRA RAPID, ULTRA RAPID, FLAVIN, ORTHO-ANTIHALO, DIAPOSITIV ROENTGEN

DROGAS "HAUFF": Metol, Hydroquinone, Glycin, Neol, sal fixador, sal viro-fixador

Apparelhos Photographicos Contessa-Nettel

UNICOS REPRESENTANTES NO BRASIL

LOHNER & Co.

RIO DE JANEIRO

RUA SÃO PEDRO, 134

TELEPHONE: NORTE 4871

CAIXA POSTAL 1901

Telegrammas: "RENOL"

Observações... sobre as mulheres

De Browning:

Uma mulher formosa merece que se façam sacrificios para se ter o prazer de vê-la.

De Cervantes:

Entre os sim e o não de uma mulher, eu não me aventuro a pregar um alfinete.

De Cameroni:

A mulher não tem senão um meio de nos fazer felizes; em compensação, tem uma infinidade d'elles para nos atormentar.

De A. Ricard:

Tudo se póde arriscar em materia de adulação com as mulheres; a este respeito são tão ligeiras, que pouco merecimento ha em enganar as.

De Diderot:

O symbolo das mulheres em geral é o do Apocalypse, em cuja frente está escripta a palavra: Mystério.

— Quem advinha as mulheres é seu implacavel inimigo.

De la Bruyère:

Os homens são a causa porque as mulheres não gostam umas das outras.

PÓ DE ARROZ

LADY

É o melhor e não é o mais caro.

PREÇOS:

Caixa grande	2\$500
Pelo correio.	3\$200
Caixa pequena	\$500

À venda em todo o Brasil

PERFUMARIA LOPES

Praça Tiradentes Ns. 36 e 38 / RIO
e Rua Urugayana N. 44

J. Lopes & C.

Grandes exportadores de perfumarias nacionaes e estrangeiras.



Para dar brilho e rosar as unhas

só o "ESMALTE ORIENTAL"

EUNICE HOTEL

Rua do Riachuelo, 134

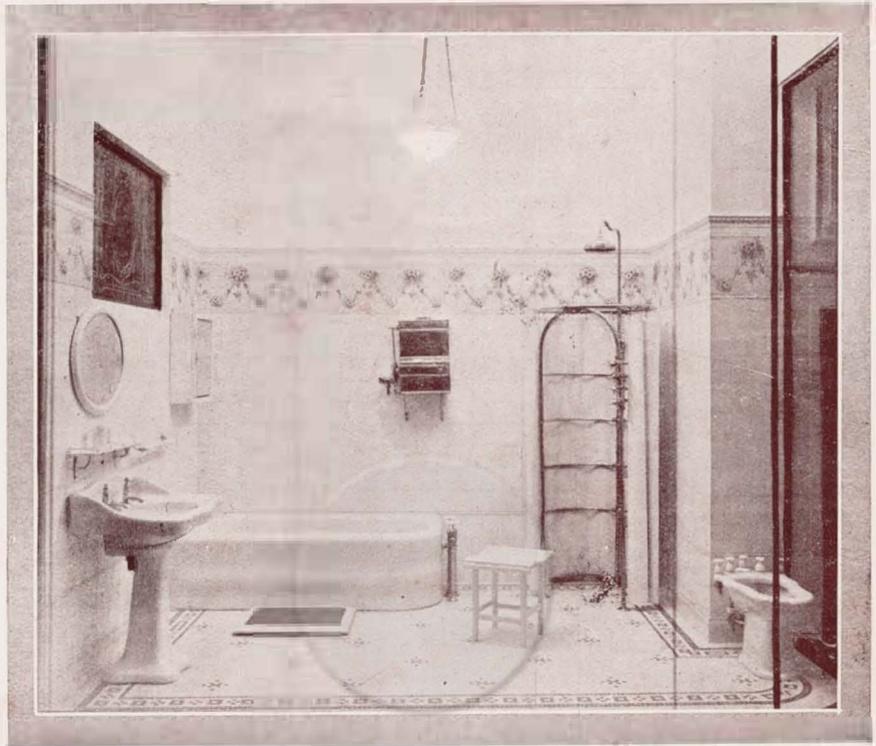
RIO DE JANEIRO



"Quem nelle se hospedar uma vez não procurará outro":

assim dizem os seus hospedes.

A SANITARIA



Quarto de banho exposto numa das vitrinas da firma Amaraes Pimentel & C., á Rua da Carioca n. 45

VATICINIO

Os homens, que veem ao mundo no mez de Outubro, são temerarios, não raro cynicos, mas encobrem os seus defeitos sob exterioridades agradaveis e enganam assim os ingenuos, de que, por bem delles, é avultado o numero. Mulheres novas, solteiras ou não desconfiem seriamente de estes seductores de officio! As suas acções são diametralmente oppostas ás suas palavras, quasi sempre mellifluas, hypocritas sempre. Habitualmente alegres, de alegria ruidosa de mau caracter, na solidão ataca-os a melancolia. Escusado é dizer, que outros aspectos planetarios a educação e a vontade podem sempre reprimir estes defeitos naturaes. — As mulheres, são temerarias, tambem, o que as expõe a terriveis enganos e a frequentes perigos. Só a idade lhes resfria a vehemencia e as exigencias da sua actividade, a sua necessidade de locomoção, e a sua tendencia para a infidelidade. Não de ter muito que se queixar tanto do marido como dos filhos. O casamento será, para ellas, causa de ruina ou de grandes ancieçades de espirito. Na grande maioria, casarão bruscamente, por capricho ou vingança, e sem terem previamente buscado presentir o caracter e os gostos da pessoa a quem vão unir o seu destino.

Nós lemos com rapidez variavel, dependente da lingua e do habito, que tivermos, de ler. Uma pessoa que lê muito, faz passar em frente dos olhos, uma média de 300 a 400 palavras por minuto, se si trata de um assumpto que lhe é muito familiar, ou de uma leitura facil como a de um romance, e tanto menos quanto se tratar de uma materia mais difficil de comprehender que exija maior attenção, como philosophia ou qualquer sciencia natural e exacta. As creanças lêem mais depressa do que os adultos; mas lêem menos completamente, e saltam muitas palavras.



"Ja viu os novos Buick?"

Em exposição: EST. MESTRE & BLATGÉ, Rua do Passeio, 50

LIMPA
SEM
ESTRAGAR



LAVA
SEM
ESPREGAR



M. GONÇALVES & C.

R. Municipal, 13 - Rio

VOZ DO POVO

VOZ DE DEUS

PARA TINGIR EM CASA
USE

TINTOL

PREMIO DE 1 CONTO DE REIS AO CONTO MAIS HUMORISTICO

CONDIÇÕES: Habilidade ao reclame e extensão no maximo 500 palavras. -- Correspondencia ate
14 de Novembro dirigida a M. GONÇALVES & C., Rua Municipal, 13, Rio

Frou-Frou...

ANNO I - NUN. 5

MAGAZINE MENSAL

OUTUBRO DE 1923

Propriedade de S. SANTOS & COMP.

Preço: Rio e Estados 2\$500

Numero atrasado. 3\$000

Assignatura (um anno) 36\$000



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Avenida Rio Branco n. 110
RIO DE JANEIRO
End. Tel. FROUFRU RIO

CORRESPONDENCIA
a S. SANTOS & COMP.
Caixa Postal n. 572

NOTA DO MEZ

A força do sexo fraco

Ha phrases que dão a rolla ao mundo, e que se enraizam no pensamento humano, não sendo possível arrancar-as de lá, nem com a logica formidável dos factos, através os seculos. Uma dellas é essa mania de chamar fraco á costella do primeiro homem, feita alma e corpo, para grande prazer da vida e para não menor tormento. Na concorrência persistente da lueta de todos os dias, essa fraqueza vai-se tornando força, pois não ha hoje paiz cirilizado onde, ao lado duma banca de trabalho do homem, se não veja a da mulher, concorrendo lealmente com o seu esforço phisico e intellectual, e deslealmente com o pó de arroz e o baton. Tudo está perdido, no exclusivismo do homem para o ganho; e o unico reducto sem concorrência feminina são as taboas em que se batem os Dempsey e os Carpentier. Mas, lá chegaremos, porque sempre a mulher gostou de levantar o braço (para quem lho permite) e nos salões e nas ruas é vulgar encontrar-se uma menina... de muque. É o caso não é de hoje, mas de todos os tempos. Não conhecem a historia da marquesa de Charlus? Vale a pena contar.

A marquesa de Charlus, irmã de Mézières, e mãe do marquez de Levi, que mais tarde foi duque e par de França, era uma velha rabugenta e avára, que irritava a corte franceza do seculo XVII com as suas toilette "demodés", e retrogradas, que ella não modificava, nem em frente das indirectas que ouvia pelos salões de Paris. Era, além de tudo, uma grande apaixonada do jogo, consequencia da sua louca ambição pelo dinheiro. Nas noites em que se jogava em casa da princeza de Conti, a velha irritante e ridicula marquesa de Charlus era certa... para o jogo e para a ceia. Usaram-se então as cabelleiras altas, duma altura desmesurada, em que os cabelleiros da corte traçavam caprichosos motivos. A marquesa de Charlus era calva como um joelho. Para tapar essa ridicula calvicie, que a faria hedionda, usava uma cabelleira postica, das taes de respeitavel altura. Uma noite ceava ella em casa da princeza de Conti, sentando-se a seu lado o arcebispo de Reims, Tellier, confessor de Luiz XIV. Como lhe apeteceesse comer de um prato de ovos que estava um pouco a meio da mesa, estendeu o braço para

se servir ella propria. Ao inclinar da cabeça, os extremos da cabelleira tocaram na luz das velas da serpentina e a montanha de cabellos posticos começou a arder. O arcebispo não teve duvida: arrancou a cabelleira da cabeça da marquesa de Charlus e deixou-lhe á mostra um craneo rapado, luzidio, repugnante, onde dous ou tres cabellos brancos se destacavam. A illustre comitiva rio, numa gargalhada estrondosa, e antes que a marquesa soubesse a verdadeira razão daquelle gesto do astuto Tellier, agarrou dos ovos e esborrachou-os na cara do arcebispo, indignada pelo que ella julgava uma affronta. A cara do arcebispo estava uma esplendida "omollette"!!

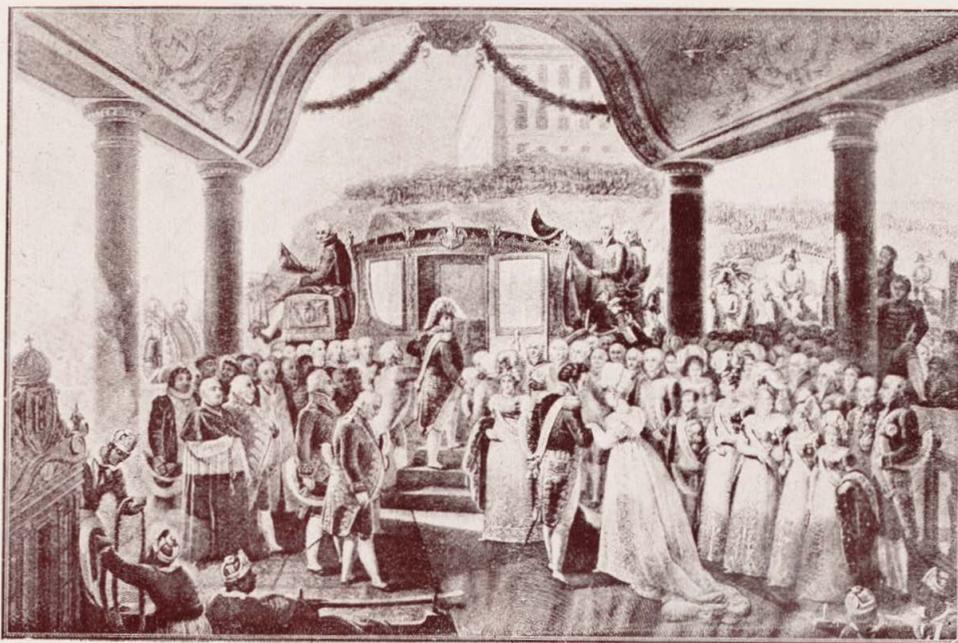
Ora quando nesses tempos praxistas e respeitosos uma velha marquesa, á beira do tumulo, não cria em pespegar, nas reverendas faces dum ministro de Deus, com um prato de ovos, que poderemos dizer destes tempos que correm, em que nenhum de nós tem prerogativas especiaes que o libertem do genio arisco dalgum Firpo de saius?

"Sexo fraco"?! Fraco por que? Porque deixa crescer os cabellos, o que lhe diminue as energias phisicas? Até essa defesa acabou porque, com os cabellos curtos, resolveram, de uma vez por todas, desmentir Shopenhauer.

Acabe-se, pois, com a fraqueza do sexo. Dê-se-lhe até a denominação de fortissimo, que é o que elle tem sido toda a vida. Rebuscae as paginas da historia da humanidade, nas suas horas mais tragicas, mais dolorosas, em que o sangue e o fogo sejam lei, e noventa e nove vezes por cem, encontrarcis a primeira faisca do temporal, despedida por mão feminina. Dellas é que vem o mal, por isso mesmo que este não tem vida real, sendo apenas a negação do bem. E se todos nós concordamos que da primeira operação cirurgica que, pela mão de Jehovah se fez no mundo, é que deriva a felicidade humana, logico será concluir que della resultou, consequentemente, o mal, que só existe porque o bem existe.

Forte de bem ou de mal, o que não póde é continuar a chamar-se-lhe sexo fraco. É uma heresia. Mas forte ou fraco, elle continuará a dominar a todo o mundo, e a nós tambem, não seja o demonio que vão por ahí pensar que, com este aranzel, demonstramos soffrer de genophobia, á maneira de Strindberg.





A CHEGADA DA PRINCESA LEOPOLDINA AO RIO DE JANEIRO (DÉBRET)

A vaidade de um Marialva

D. Pedro José Joaquim Vito de Menezes Coutinho, marquez de Marialva e conde de Cantanhede, vivia, enfim, em Paris, a vida que elle sempre sonhára — rodeado de artistas e de salhos, entre os quaes a figura de Humboldt não era das menos assiduas nos seus salões dourados. Trabalhando por esquecer os dias tragicos que testemunhara n'aquelle mesmo Paris; procurando apagar da sua consciencia o remorso da vergonhosa corrida a Bayona, a implorar a Bonaparte, como as rãs da fabula, um rei para Portugal; dando largas ao seu temperamento de gosador e de nullo, sem as preoccupações, excessivamente mortificantes, da hora grave que a Patria atravessava, o marquez de Marialva ia ostentando, com vaidoso esplendor, em plena cõrte bourbonica, as flores de liz praticadas, em campo azul, do seu brasão espartelado. Foi n'essa existencia occiosa de prazeres e vaidades que o foi procurar a ordem do seu senhor e amo, que annos antes não se pejava de trair, para que, na qualidade de Embaixador Extraordinario, corresse a Vienna d'Autria a solicitar, officialmente, para o principe real D. Pedro de Alcantara, a mão da irmã da ex-imperatriz de França, a archiduqueza Maria Leopoldina. O marquez, ao receber o mandato, devia instar de vaidade, com esta opportuna occasião para ostentar grandezas, em que se esvaia a fortuna de uma das maiores casas da nobreza de Portugal.

Atravessando, apressado, as estradas que ainda guardavam a lembrança das hostes gloriosas do exercito de Wagram e de Austerlitz, o marquez fazia a sua entrada solenne em Vienna por uma triste e invernal tarde de fevereiro de 1817. A cõrte austriaca a

esse tempo, respirava, livre, finalmente, do pesadelo napoleónico. Metelnich, arbitro da politica, tecia o seu tapete reaccionario da Sancta Alliança.

La impondendo de vaidade o marquez de Marialva. A sua entrada em Vienna, no dia 17 de fevereiro, chamou ás ruas a população da capital do imperio. O cortejo abria com desessete carruagens da cõrte, onde seguiram os principes e archiduques ladeando os côches a criadagem empoadada, nas suas libré's vistosas, e puzando-os, a cada um, seis cavallos ajuezados. Depois vinha Sua Excellencia. Lembrava um "rajah", cruzando, imponente, as suas terras. Setenta e sete individuos lhe formavam o estado, incluindo os pagens, os criados e os officiaes da sua casa. Estes montavam bellos ginetes: os creados e pageus seguravam, pelos freios de prata, os animacs cobertos de telizes bordados em reludo carmezim e franjados de ouro. No meio dos telizes abriam as suas côres vivas as armas do marquez — um escudo espartelado com as armas de Portugal e as flores de liz, em prata, sobre campo azul. As carruagens que precediam o marquez eram, em numero de vinte e quatro, e em qualquer d'ellas havia que admirar. Por fim, Sua Excellencia occupava um côche magnifico da casa imperial. Era o marquez extremamente bello de feições, não alto de estatura. Os seus olhos, penetrante e dôces, a um tempo, eram bem portuguezes pela sensualidade que os banhava. O seu perfil sympathico e delicado tinha, no dizer de um alviçareiro intriguista, extranha semelhança com o retrato do infante D. Miguel, que mais tarde se mostrava no palacio de Queluz. A historia não affirma que, d'essa



D. PEDRO COUTINHO, MARQUEZ DE MARIALVA

semelhança, se possa deduzir um crime de lesa-majestade. Mas nem tudo que é verdade a historia affirma. O certo é que alli ia, no sumptuoso côche imperial, como legitimo representante de D. João VI. o marquez de Marialva e conde de Cantanhêde.

Junto da portinhola do côche, cavalgava o Estribeiro-mór do Imperio, e, em volta, era uma nuvem de creados da casa imperial e do marquez, na policromia das côres das librés e na nuvem branca das suas cabelleiras empoadas. Os tons verde, vermelho e ouro da casa de Bragança misturavam-se com as sedas azul e prata das librés dos Coutinhos. Dir-se-hia o cortejo d'uma princeza de lenda, a caminho do leito nupcial do seu principe encantado. Logo após o côche do Marialva seguiam os dos embaixadores de Inglaterra, da França e da Hespanha. Eram os sentiueilas, os espias, promptos a cascobillar aos seus governos os resultados das festas e as maquinações de Metternich. E assim entrou, pela porta Corinthia, de Vienna, o cortejo deslumbrante do Embaixador de Portugal.

No dia seguinte, da embaixada, saiu identica procissão, a caminho do palacio imperial. Era a hora convencional dos ajustes publicos, como que a sanção do que particularmente tinha sido firmado. O marquez foi admittido á presença de Francisco I. O imperador estava cercado de toda a côrte, tendo a seu lado a sombra do grande ministro. Rei fraco de intelligencia e de character, o arô do infeliz duque do Reichstag pensava e sentia pela alma do seu famoso estadista. Marialva pediu a mão da archiduqueza para o principe que se esperava fôsse, um dia, rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. O sim paterno veio, com as clausulas do contracto anti-imperial. Os sentimentos, o coraçào da archiduqueza, não importavam no ajuste. Do principe sabia-se, na côrte austriaca, que era môgo estroina, de escandalosas tradições de conquistador ousado. Também não importara. A archiduqueza soffria, necessariamente, por se saber, em breves dias a caminho d'um paiz longinquo e quasi desconhecido: mas que interessavam ás razões dynasticas e politicas, ás soberanas razões de estado, o coraçào d'uma princeza, de mais a mais nada formosa, com as suas paixões de naturalista e habitos viris? Era preciso. Casou. Acabou-se.

A cerimonia realizar-se-hia a 13 de Maio: homenagem a D. João, que n'esse dia fazia annos. Logo se despediram, encafiados n'uma fragata allemã, em direcção ao Rio de Janeiro, o barão de Nereu, encarregado de negocios do imperador; o barão de Hugel, secretario; dois condes auxiliares da legação, o de Schouteld e o de Palssi, que chegaram ao Rio de Janeiro a 14 de Julho. Agregados aos diplomatas, vinham, com as suas lentes e com os seus infolios, tres professores naturalistas, com a missáo apparente de estudar e classificar a fauna e a flora brasileira, mas, na realidade, para servirem de consolo á princeza, utilizando-os para seus companheiros e confidentes, nas primeiras horas, tristes e saudosas, do novo lar. Ahi foi benigno e compassivo o coraçào paterno.

No Rio, ao saber das pompas estonteantes do Marialva, da solução definitiva d'este negocio matrimonial, D. João VI rejubilou. Deu beija-mão: foi ao theatro; embandeirou-se a cidade e troaram os canhões. Do seu camarote, onde tão bons sonhos costumava dormir, agradeceu os vivas e ouviu de pé o hymno nacional. E conta, melifluo, um chronista: "seguiu-se a representação de uma escolhida peça, toda em musica, que se concluiu com os mesmos vivas e aplausos, augurando todas as felicidades, que a egregia princeza austriaca algum dia, com a sua maggestosa presença, espalharia pelo horizonte do triplicado Imperio Lusitano, e sobretudo n'esta primeira côrte do Novo Mundo, onde virá residir a par do seu caro Esposo, na companhia do mais an-

vel Soberano". O "caro" esposo dar-the-hia uma vida... de comover as pedras.

A's sete horas da tarde do dia 13 de Maio de 1817, na capella do paço imperial de Vienna, realisavase o casamento da princeza Leopoldina com o principe da Beira. D. Pedro foi representado na cerimonia pelo Archiduque Carlos. Marialva estontou, com o luxo da sua comitiva, na faustosa côrte imperial, difficil de se embasbaear. A' noite, a cidade do Danubio illuminou e um banquete encerrou aquelle dia solemne. Mas onde Marialva espanejou o seu desmetido orgulho e encheu de espanto a cidade das Cesares, foi na noite de 1 de Junho, com o baile offerecido á côrte, nos deliciosos jardins de Rugarten. Havia pelas alamedas, sob os copados cedros, nos relvados, mais de duas mil pessoas. A familia imperial comparecera, no seus faustoso aparato, com a multidão de nobres e dignitarios, de archiduquezas e de mardgraves. A illuminação era deslumbrante, mas daria ainda muito recanto escuro, onde as viennenses encontrariam ninhos propicios á ardencia tradicional da sua raça. Metternich allia estaria, por certo, procurando comencer o embaixador de Inglaterra a entrar nos seus mudaciosos planos de politica internacional. A's oito horas da noite chegou o imperador e a imperatriz. Na cauda enfileiravam-se todos os archiduques e archiduquezas, os principes reaes da Baviera, o Duque de Saxe. No largo portão dos jardins, o marquez de Marialva ajoelhará e beijaria a mão dos imperadores e o baile começaria.

Para esta festa de Crespo, mandara o embaixador construir, em uma larga esplanada do jardim, amplos salões cujas paredes, sem gosto, se cobriam com tapeçarias raras. No jardim, em differentes lugares, semi-ocultas no arvoredo, varias orquestras allegavam a festa. Logo após a chegada dos imperantes, o baile começou. Rombeu-o, dançando uma "polaca", o marquez de Marialva e D. Leopoldina. O embaixador peralta estava no seu instante glorioso. Todos os olhares cairiam sobre a sua figura elegante, levando graciosamente na dança, então em pleno successo, a filha do imperador. A sua cabeça orgulhosa, saindo empoada, da alta gola do fardão, chamejante de bordaduras de ouro; o seu peito, onde os diamantes do Brasil e os rubis scintillavam na cruz de Christo; toda a sua figura delicada de gentil-homem, conhecedor dos maiores salões da Europa e das suas requintadas exigencias de etiqueta, seriam a atracção dos mais lindos olhos da côrte de Vienna, quando segurara pela ponta dos dedos, nos volteios da "polaca", a feia e desageitada princeza Leopoldina. O principe, n'aquelle instante, era nlc

E dançou-se depois loucamente, vertiginosamente, como sempre se soube dançar em Vienna, mesmo quando o canhão troava e o sangue corria. A's onze horas serviu-se a ceia. E ali Crespo-Marialva deu de novo conta de si: a mesa em que sentava o imperador e a familia, e em que o embaixador portuguez tinha um logar, contava quarenta talheres, e a baizela que se serviu era toda de ouro, vinha dos aparadores antigos dos velhos lareiros dos Menezes e Coutinhos. Fóra da mesa imperial, mais de mil pessoas se sentaram, comparilhando, em outras mesas onde giravam baizelas de prata, do banquete monstro, com que o embaixador d'um paiz ás portas da miseria procurava estontear o mundo.

Terminada a hora de Pantagruel, o baile recommençou. Era uma d'as madrugadas. Dançou-se de novo com mais vida, com mais alma, porque o vinho do Rheno corria em borbotões. A's duas horas o imperador e a imperatriz retiraram, mas a loucura do bailado continuou até ás 4 horas, já quando o sol batia nas aguas do Danubio.



D. LEOPOLDINA



D. PEDRO

Marialva fôra o ultimo a sair, com a linda duqueza de S. Carlos, embaixatriz de Hespanha, sua companheira nas horas da festa. D'ahi a horas, Marialva boquiabria ainda mais Vienuu estonteada, dando aos pobres o palacio que mandára construir nos lindos jardins de Rugarten. Tinha gasto em tres mezes um milhão de florins.

No dia seguinte ao da faustosa brincadeira do megalomaniaco embaixador d'um povo na miseria, a princeza despediu-se da familia e partiu, de caminho a Florença. Tam no seu sequito o nosso empavonado marquez e Metternich, guarda vigilante da princeza, que seria um dia imperatriz do Brasil. Metternich conhecia o marquez, de Paris, por onde o archi-ministro passára em 1806. Mas nunca dois homens, de tão differentes feitio moral, se crusariam na vida: um com o cerebro talentoso e astuto, no continuo batalhar das combinações politicas; outro futil e meramente decorativo, com a ostentação pueril d'um principe lerantino. Os enviados e embaixadores dos reis de Portugal tinham, em todo o mundo, a fama de perdularios e de vaidosos. Certo o reino unido, no Calvario de fôme em que se debatia, não podia ostentar as imponencias da embaixada de Tristão da Cunha, em Roma; mas o sceptro de D. João VI cobria ainda a vasta terra brasileira, onde precisamente, se erguia o trôno em que iria sentar-se a filha de Francisco I.

Em Florença, o grão duque da Toscana e o principe das Duas Sicilias, agasalharam D. Leopoldina no famoso palacio Pitti, até que as naus portuguezas chegassem a Livorne, onde embarcaria com os dignitarios mandados por D. João VI a recebe-la. Dois mezes se demoraram as pachorrentas naus, até que a 12 de agosto, Metternich depoz nos braços do marquez de Castello Melhor a principessa joia. O Machiavell de Vienna dava, definitivamente, o primeiro passo para a sua ininterrupta intervenção na politica brasileira e portugueza. Em breve, o barão de Marshall, alcoviteiro

diplomatico mandado do Rio, o traria, aturadamente, ao corrente dos mais detalhados pormenores, não já dos negocios publicos, mas até da vida intima dos principes.

Emquanto, porém, Marshall não faz as malas, Metternich manda ao Rio o segundo conde Wrbla, que exercia em Vienna as funções de Mordomo-mór. O conde, orgulhoso e caricatural, traz a D. João VI e ao principe o relato minucioso das ceremonias de Vienna e das phantasias do Marialva. O rei, n'este parentheses das suas afflictivas apoquentações politicas e familiares, exulta: são tres dias de "Te-deuns", de foguetes, de luminarias, de recepções na cidade e em S. Christovam, de theatro, onde se acclamam os retratos dos noiros e a "bourbonica" effigie do soberano. D. João VI, com as suas pernas inchadas pela varizes impertinentes, ia, cochecendo, da Real Capella ao Theatro, da Boavista á cidade, resando "Te-Deuns", gargalhando com os comicos.

A princeza, a bordo da nau "D. João VI", recebia o ultimo beijo de sua irmã, a duqueza de Parma, e seguia definitivamente, pelo Mediterraneo a caminho do seu trôno, onde seriam mais as lagrimas que as flores a tapizal-o. Em Gibraltar uma nau austriaca agregou-se á esquadra ingleza e portugueza que comboiava a "D. João VI". A representar o imperador vinha o nosso embaixador austriaco, conde de Eltzi, e a cercar a princeza, as condessas de Huenbourg, de Barentheim e Lodron, parlando nas horas longas da viagem sobre as saudades que já a atormentaram, deixando a um canto, estranhos ao palacio, os seus camaristas portuguezes, condes da Lousã e Panastiel. A princeza chegou, finalmente, ao Rio, a 5 de Novembro, e da sua recepção o lapis resurgidor de De-bret deixou o quadro pittoresco que todos conhecem.

De Livorno, Marialva foi gosar em Paris as lóts com que a imprensa de toda a Europa engrandecia a sua famosa megalomania de Cresco que tu o empobreccendo a casa de seus avós.

A. G.

BAZAR AMERICA

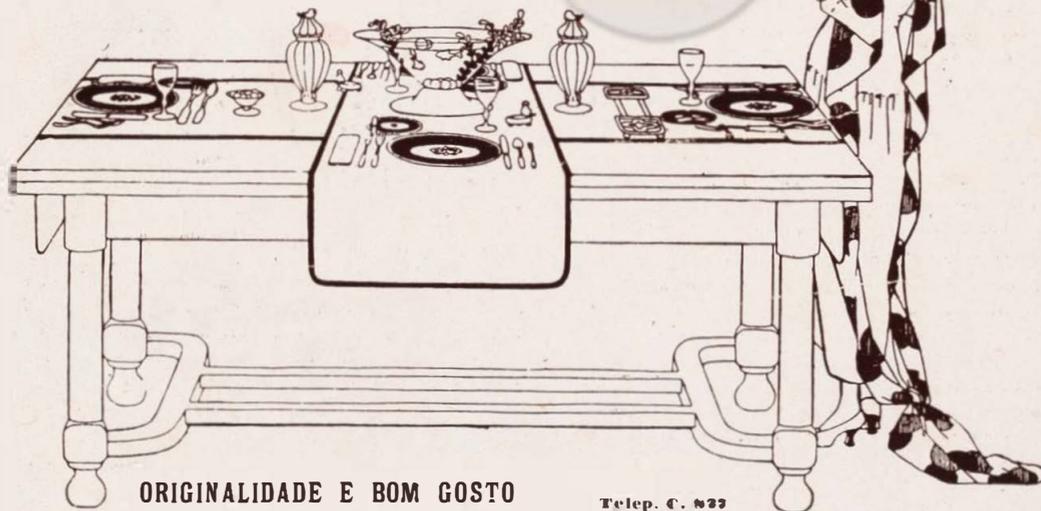
38 e 40 -- RUA URUGUAYANA -- 38 e 40

A primeira casa do genero nesta Capital

Finissimos
Objectos para
presentes



Especialidade em
Porcellanas,
Crystaes,
Metaes finos, Fa-
queiros
e talheres de
Christoffle.



ORIGINALIDADE E BOM GOSTO

Telep. C. 823



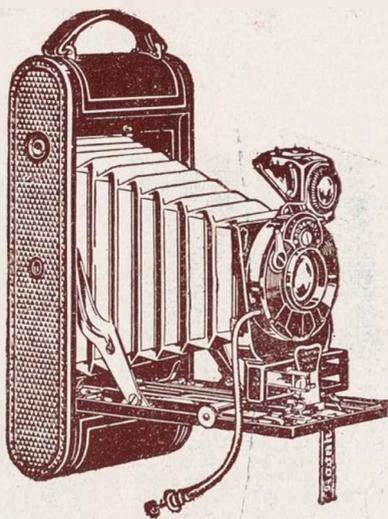
O INSPIRADOR DA MODA

QUADROS CELEBRES



Maria Antonietta e seus filhos no Petit Trianon

A. MORION



KODAKS

Films - Chapas - Material

⇒ Revelações, copias e ampliações ⇐

Peçam o nosso catalogo illustrado de 70 paginas -- GRATIS

GRANDE SECÇÃO DE OPTICA

Exame da vista gratis por medico oculista

Binnculos Zeiss, Goerz e Voigtlander

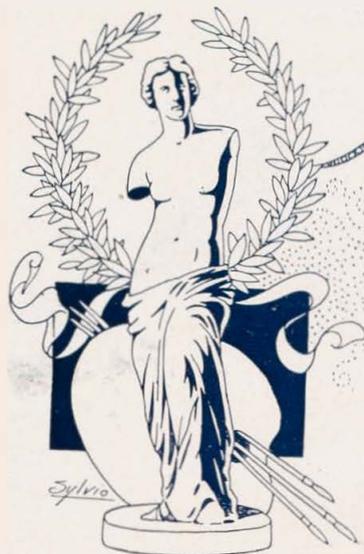
Fabricação propria de lentes

Apparethos de projecção para
escolas e propaganda

OPTICA INGLEZA

OUVIDOR **127** OUVIDOR

☉ ENTRE GONÇALVES DIAS E AVENIDA ☉



A ARTE na Photographia

Uma das faces mais interessantes da photographia artistica, das que, no estrangeiro, tem cultores devotados e tem attingido um successo verdadeiramente extraordinario, é a da photographia directa de cliché colorido, com effeitos da luz transparente.

E' duma belleza artistica inconfundivel, nomeadamente para paesagens e interiores, que dão um resultado immensamente mais bello que o das figuras, ainda quando sejam figuras de grande perfeição plastica. Os tons das flores e do relvado, o detalhe da coloração variada dos jardins, torna neste processo de arte photographica uma cor doce e viva, que nos encanta os olhos.

Não sabemos se no Rio ha quem se tenha aprimorado nesta especialidade photographica. Se não ha, podemos asseverar aos apaixonados da photographia que o esforço empregado em tal sen-

tido dá extraordinarias compensações moraes ao seu ideal artistico, merecendo bem o trabalho executado. Já tivemos occasião de apreciar uma exposição neste sentido organizada e não nos esquecer, ainda, a impressão que nos deixou.

O gosto artistico do amator aproxima-se extraordinariamente, pois tem ensejo para se desenvolver, dando aos olhos aquella educação indispensavel, sem a qual não ha criterio artistico, nem discernimento esthetico. Em se tratando de photographias de "interior" a tarefa é, evidentemente, mais trabalhosa, porque depende, immensamente dos effeitos de luz, em que se saltarão os coloridos variados dos estofos, da madeira, e dos pequenos objectos variados que enchem um salão. Tudo, porém, é bello, e bem merece ser cultivado.

Que no Brasil existem verdadeiros cultores de boa arte photographica e motivos admiraveis para photographar, basta reparar neste bellissimo original, que hoje publicamos, e que devemos ao gosto do distincto amator Sr. Annibal Respião, de Curitiba. E' um primor, quer na execução, quer na escolha da paisagem e da luz. Ao distincto amator photographico agradecemos a gentileza da offerta.



Interpretando Mozart



"BAL DE TETES"



OCULOS E PINCE-NEZ

Para qualquer defeito da vista

Apparelhos e Artigos para Photographia

⇒ REVELAÇÃO — IMPRESSÃO — AMPLIAÇÃO ←

Binoculos para Theatro e Campo --- Ultimos modelos

LUTZ. FERRANDO

& CIA. LDA.
RUA GONÇALVES DIAS 40

PROXIMAMENTE NO EDIFICIO, PROPRIO
RUA DO OUVIDOR, 88





SERENIDADE

(Clichés gentilmente cedidos pela Kodak Brasileira Limitada)



CAHIR DA TARDE Arredores de Curitiba

(Photographo gentilmente enviada pelo Sr. Annibal Requião --- Curitiba)

A decadencia das baixellas de prata

A ourivesaria é essencialmente uma arte de luxo, se bem que a produção industrial de enormissimo numero de objectos em que se utilisam os metais nobres, e principalmente a prata, lhe tenham emprestado uma falsa apparencia de vulgarisação, compromettendo-lhe o caracter e a significação artistica.

Por arte, em ourivesaria, comprehende-se, não a produção serril, por processos industriaes de moldagem de modelos, mesmo quando originalmente valiosos sob o ponto de vista artistico, mas

Como todas as artes sumptuarias a ourivesaria é sensibilissima ás crises economicas e ao retrahimento do luxo, de forma que toda a riqueza particular representada em objectos artisticos, principalmente de prata, vem gradualmente disseminando-se, fragmentandose, pulverisandose, decahindo.

Para substituir a opulencia das familias privilegiadas de outros tempos, detentoras de riquezas patrimoniaes, o commercio e a industria não erraram através de um seculo opulencias compensadoras, tornando assim sensivel a diminuição das grandes riquezas particulares.

Por outro lado a democratisação incessante da vida social, privada do antigo fausto da nobreza, concorreu para que as manufacções de luxo se restringissem. Com todos estes phenomenos se rescutiu a ourivesaria.

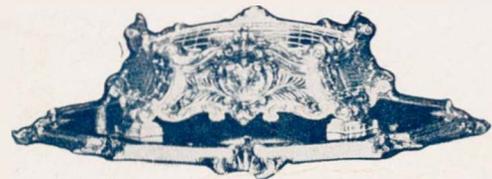


Servico de chá, do seculo XVIII

a produção manual e accessoriamente mechanicas de obras meditas.

A ciznelação da prata attingiu perfeições que merecem especiaes referencias numa qualquer historia de arte.

E' uma arte que já no fim do seculo XV produzia maravilhas incontestaveis.



Florairo, estylo joannino

festações do luxo se restringissem. Com todos estes phenomenos se rescutiu a ourivesaria.

Aos leitores do Frou-Frou apresentamos alguns desenhos das antigas baixellas de prata, que ainda fazem parte ao patrimonio de algumas familias nobres de Portugal, pelos quaes podem fazer uma pequena idéa dessa arte decadente.

Intitulava-se *May Flower* (*Floer de maio*) a primeira gazeta que sahio a lume no territorio, que fórma actualmente os Estados-Unidos da America do Norte. Publicou-se em Cambridge (Massachusetts), em 1673. Ha, por conseguinte, 250 annos. Em 1873 foi celebrado o segundo centenário da sua existencia.



Mobiliario e decorações

FLORES
E
JARRÕES

mero possível de folhas. Assim encantam extraordinariamente, mas esse encanto não se conseguiria se em lugar de utilizar uma jarra de chrystal se lançasse mão do primeiro jarrão de barro que apparecesse. Ha muitas especies que parecem ordinarias e pouco attractivas, quando collocadas em recipientes improprios, mas uma dona de casa caprichosa, que tenha temperamento artistico, pode facilmente evitar esse inconveniente.

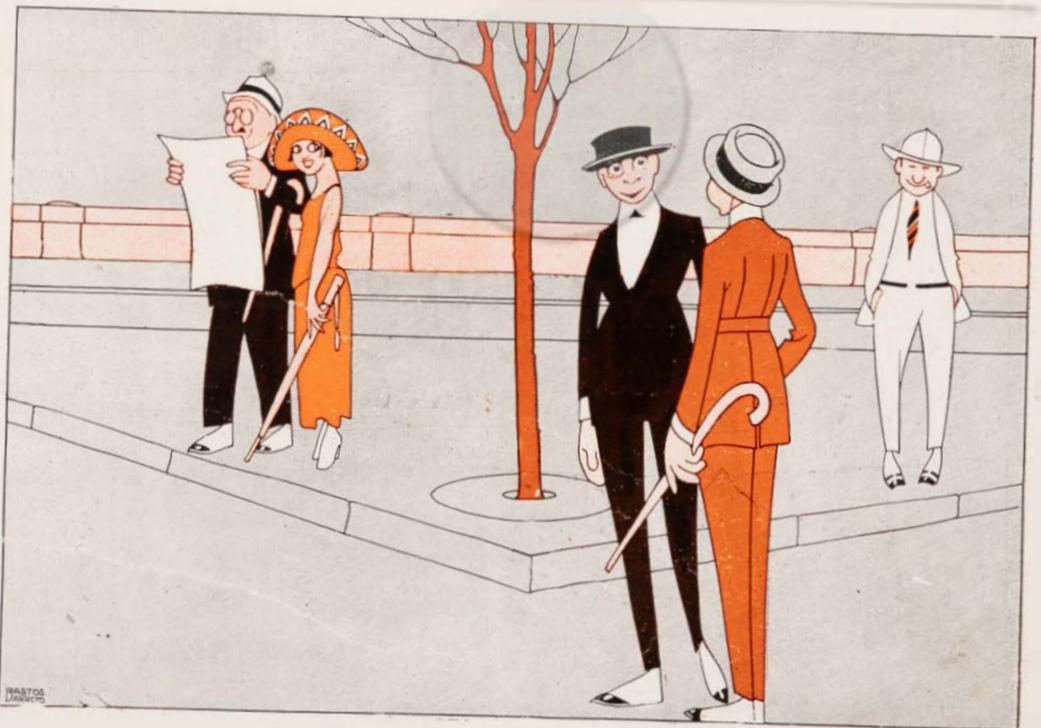
Na escolha dos jarrões e floreiras deve ser empregada a maxima habilidade. E' preciso que elles sejam de combinação com as cores das paredes e dos moveis, afim de não haver a mais ligeira quebra de harmonia, o que ás vezes constitue um verdadeiro desastre de esthetica. E' conveniente tambem observar as condições da habitação que se pretende adornar com flores. E' um assumpto importante, tanto no ponto de vista do colorido como no da forma e collocação. Tomamos por exemplo uma vasilha que se tenha de collocar proximo a uma janella pela qual entra muita luz. A sua côr não seria um factor desapreciavel. Deverá se observar a relação entre a mesma e os moveis e cortinados, afim de se tirar todo o partido possível dessa floreira, que deve ter tambem a sufficiente belleza para agradar a vista.

DEBaixo do duplo aspecto de portadores de perfumes e de colorido, as flores representam na ornamentação um dos mais importantes papeis. Não se pode dizer que uma habitação está perfeitamente ornada, não lhe dando as flores, esse presente do céo, o toque final. Na distribuição de jarrões com flores se revela claramente a mão artistica de uma dona de casa caprichosa, amiga da ordem, incapaz de deixar as cousas em abandono.

Mas afim de realçar a belleza das petalas coloridas e perfumadas, é indispensavel tambem a escolha e a disposição de vasilhas, jarrões de chrystal ou terracota, que devem ser de accôrdo com a variedade floreal para não quebrar a harmonia.

Ha, por exemplo, rosas que parecem pedir vasilhas de pouca profundidade, mas de bocca ampla, enquanto que outras — os lyrios e agueenas — constituem o melhor exemplo — não ficariam bem sinão em jarrões de chrystal relativamente fundos para receber os talos.

Alem disso, ha ainda algumas especies de flores, que para se obter dellas uma verdadeira disposição esthetica, devem ser conservadas com o maior nu



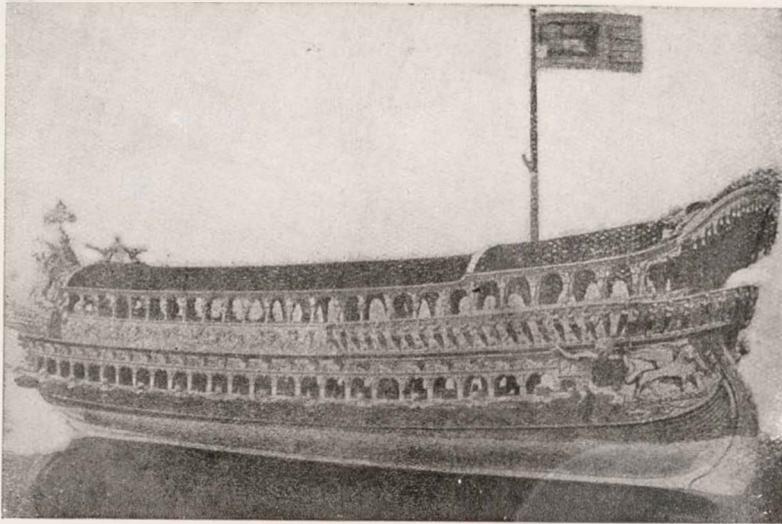
— Não percas tempo, lolo! Dá em cima! Não sabes que "audaces fortuna jurat"?
— Eu sei. Mas o pap d'ella pode não saber...

RELIQUIA DESTROIDA

O *Bucintaro*, a bordo do qual os doges de Veneza iam todos os annos, no dia da Ascensão, realisar a cerimonia do casamento com o mar, cuja descripção e origem somos forçados a prescindir, pertencia ao typo das galeras venezianas que no seculo XII enchiam o Adriatico, remadas por 200 musculosos escravos.

A bordo do famoso barco o Papa Alexandre III, acompanhado dos chefes do povo de Veneza, foi esperar em Lido o guerreiro Sebastião Ziani, que regressava vencedor da batalha de Capo Salvatore, levando prisioneiro e humilhado o filho do imperador Barbarossa.

Não era possivel idealisar mais galharda forma nem ornamentação mais bella, como as do famoso barco. Uma elegante arcada de estylo greco-romano e columnas modeladas em forma de titans sustentavam artistica cobertura; o convez, corrido até proximo á prôa e levantado em gracioso arrufo na extremidade da popa, apoiava-se sobre bizarras estatuas de nereidas; sobre o esporão principal via-se o leão alado de S. Marcos, em attitude



BUCINTARO — Galera historica que sulcou o Adriatico

vigilante: do eixo da roda se destacava em magestoso assento a deusa Themis, com todos os seus attributos, e, nos lordos inferiores da cobertura, esculpidos em baixo relevo, tritões formavam caprichoso jogo com as sereias que rodeavam o coroamento da popa em gracioso realce; os costados, amuradas, bordos e verduguilhos de tão singular embarcação eram todos salpicados de reptunos titans, cariathides, tritões e outras figuras alegoricas, ora isoladas e ora agrupadas com artistica harmonia. Toda essa magnificencia dos potentados senhores do Adriatico, que se achava

depositada no Museu de Veneza, foi barbaramente reduzida a cinzas pelos exercitos de Napoleão, quando em 1795 pretenderam dominar todo o terirtorio europeu, cuja população estava seriamente alarmada com a attitude imperiosa do homem que desejava ser o imperador absoluto do mundo, e considerando-se um ser superior, encarava o Impossivel como uma secundaria divindade mythologica em completa decadencia.

A BASE PRIMODIAL!

PARA A ELEGANCIA E PARA O CONFORTO DE SUA RESIDENCIA, ESTÁ NA MANEIRA DE A ORNAMENTAR.

ADQUIRA OS NOSSOS

MOBILLARIOS, TAPEÇARIAS e DECORAÇÕES

E SER-LHE-HA PROPORCIONADO TÃO GRANDE PRAZER

VISITE AS NOSSAS EXPOSIÇÕES

ASA UNES

65. RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

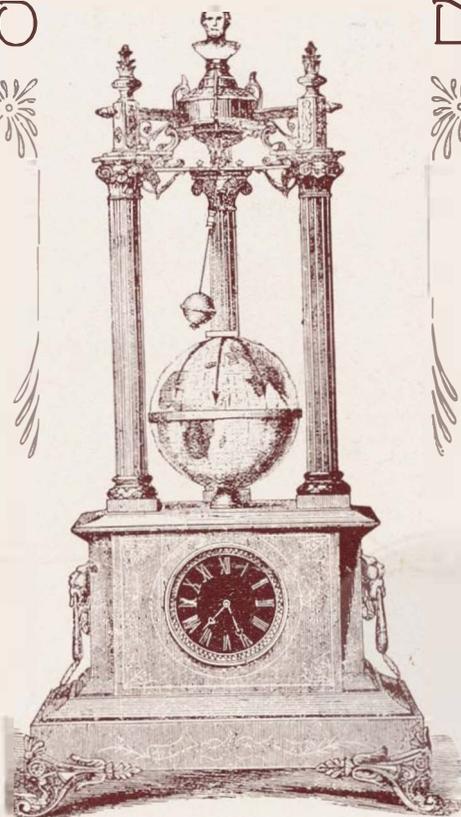


O GEOSCOPIO

Além de ser um vistoso adorno para qualquer habitação elegante, é este relógio um auxiliar precioso para o ensino da geographia e da physica, e é por esse motivo, que o instrumento tem a coroa-o o busto de Galileu, esse martyr da sciencia, que, num momento celebre, exclamou: **E pur si muove** affirmação que este apparelho está cabalmente destinado a evidenciar, tal qual como o demonstrou a famosa experiencia de Leon Foucault, em 1850, no Pantheon de Paris, servindo-se do principio de que "um pendulo em movimento não sabe do seu plano de oscillação, apesar da rotaçao da Terra".

Com este relógio pode, tambem, determinar-se o tempo em qualquer ponto da Terra, em que se viva: a hora correspondente em todos os outros pontos e a distancia de um a outro na superficie do nosso planeta.

Para o primeiro caso, procede-se da seguinte maneira: O globo terrestre collocado sobre o corpo inferior ou caixa do apparelho dá, em cada 24 horas, uma volta sobre o seu eixo, por meio da machina encerrada na mesma. No pólo norte desse globo irradiam 8 settas ou indicadores curvos, as quaes marcam as horas que, num dado momento, são nos respectivos pontos. A setta da frente, um pouco mais comprida do que as outras, é destinada a indicar a hora do meio dia, no logar onde o observador se encontra ou no logar que queira suppor. Então, a setta que fica opposta á primeira no outro lado do globo, indica o tempo em qualquer ponto da Terra, em que se viva: a hora correspondente em todos os outros pontos e a distancia de um a outro na superficie do nosso planeta.



DE LEIPSIG

mento, são as 3 e as 6 da tarde e as 9 da noite; e as do outro lado as 3, as 6 e as 9 da manhã; as horas intermedias encontram-se facilmente por meio de linhas divisorias traçadas no globo.

Para o segundo caso, isto é, para se ter a hora correspondente em todos os mais pontos, collocase o indicador do meio dia sobre o ponto do globo ou a longitude que se quiser, fazendo girar este da direita para a esquerda, visto que as settas indicadoras estão fixas, com o que nada soffre o mecanismo, que imprime ao globo a sua marcha exacta de rotaçao logo que se abandone a si mesmo. Collocado o indicador do meio dia no seu ponto, sabem-se as horas nos outros pontos do globo que correspondem áquelle em que, em tal momento, se suppe que são as doze.

Para averiguar as distancias existe, no ponto onde o indicador do meio dia corta o equador, outro indicador pequeno, que dá 90 voltas em cada 24 horas, de modo que cada revoluçao equivale a 1 gráo, ou sejam 100 kilometros de distancia no equador. Ora bem: collocado um dos pontos extremos, cuja distancia se procura, sob um indicador determinado, faz-se girar o globo, sempre da esquerda para a direita, até que o outro ponto extremo chegue ao indicador onde estava o primeiro, e contam-se as revoluçoes do indicador pequeno, que basta multiplicar por 100, para se saber a distancia percorrida.

O pendulo recebe o movimento da machina por uma transmissao disposta no interior de uma das columnas.

O corpo inferior do apparelho é de helio marmore preto e tudo o mais, que o adorna, de bronze doirado.

CLUB NAVAL



SALÃO DE HONRA -- Mobiliarios e decorações da casa JOÃO VIDAL & C. -- Rua Ouvidor n. 87 - Rio

Veneza Romantica



A luz azulada da manhã uma enfiada de gondolas cheias de musicas, de canticos, de pombas e de flôres passava no Canal Grande, perfis patricios destacavam: eram as lindas venezianas sonhadoras e lá adiante uma gondola maior com um toldo de purpura, que lembrava uma mancha de sangue, levava gondoleiros vestidos de ouro; a ré, sobre cochins bordados um homem com um grande manto scintilante e rico, enroscado de arminhos, na cabeça uma especie de tiara resahia magestosamente. Era o doge que ia casar com o Adriatico, atirar ás suas ondas azues, sob aquelle azulino céu, o anel precioso das bodas. Estava sagrado o doge; o mar n'um rumor vago balouçava as gondolas e as musicas cantavam no espaço e as pombas brancas batiam as azas. Por entre as fileiras d'outras embarcações mais pobres, mas d'onde sahiam mais ruidosas aclamações, a nau do doge passava. Depois seguia o patriciado, por fim o povoleu até que a noite, essa linda noite veneziana, cahia e a lua namorava e beijava os rostos dos patricios. Jam dormir as pombas nos rendilhados das varandas do palacio dogal e nos corucheus e nichos da igreja de S. Marcos. Sob o olhar quieto dos santos de pedra as aves socejavam.

Acabava o dia romantico da aclamação, nas ruas e nas praças a musica baillava e lá ao longe, nas sombras, perto da Guinleca gondolas de amourosos passavam a par, noivando. Est era a Veneza dos ritos e das tradições, a cidade aquatica cortada por canaes d'aguas rumorosas onde as fachadas artisticas das casas se miram e os balcões romanescos se desenhm. Evoca todo um cortejo real, heraldico e festivo, sedas e veludos, mantos roçagantes, olhos nobres turbados d'amôr, baladas de gondoleiros á noite, á agua, á luz, á dogessa linda ou então versos de Dante sahindo dos labios, plebeus falando d'amouros e falando de penas. Na cadencia dos remos cantam com os amouros de Francesca de Rimini, as fomes d'Ugolino, prepassa docemente, n'uma nuvem pura a linda Beatriz.

A noite avança, decorre e o romantico aspecto de Veneza en tenebrece. Depois da visão scintilante, as paginas da tragedia não menos romanescas. Vultos embuçados sahem do palacio dos doges; não se vêm os seus rostos, as pontas das espadas surgem na roda das capas largas. São os conselheiros vermelhos que n'aquella sala de moveis esculpidos, á luz forte das tochas, acabam de condemnar. São os homens do Conselho dos Dez, os dicta dores, os grandes. Não falam; não riem. Veneza dorme como as suas pombas; as aguas parecem adormecidas tambem. Mas den-



cia; um lindo corpo retalhado a golpes foi apanhado, quando boiava para o canal grande; um velho veneravel cahiu nos degraus do palacio dogal porque bebeu o veneno subtil escondido sob a pedra d'armas do seu anel. Ha luto; ha odios. As familias, como as d'esses loucos amourosos de Verona, Julieta e Romeu, estão divididas. Aquillo tudo foram sentenças que se executaram. Em todos os olhos se lê a desconfiança; na hora do dia passando em S. Marcos, atravessando os canaes suas senhorias os cavalheiros sorriem e saudam. E as pombas esvoaçam sempre: sempre o luar innunda Veneza, a formosa, a cidade da agua e da belleza, a terra dos palacios lindos e dos mais lindos nomes: Foscari, S. Maria di Frari, Pisani; a terra das elegantes pontes que se chamam dos Suspiros e de Rialto. E' toda uma legenda d'amor e odio, de luar e treva, de pombaes e de carceres a Veneza romantica e não se pôde fallar d'ella sem a evocar assim. A historia de Marino Faliero contem toda a Veneza. E' um velho doge que ama loucamente uma senhora muito mais nova do que elle, enlaça-se por uma boda e a linda dogaressa é alvo de todas as paixões. Um dia aquelle palacio formoso onde habita é invadido durante o seu somno por jovens patricios que Steno comanda e pelas salas, onde as figuras hieraticas resahem dos quadros, vão escrevendo palavras de deshonor para ella, vão traçando epithetos infamantes. Não poupam a sua belleza, atiram lama sobre a sua honra. As insignias ducaes, o grande barrete de cerimonial está allí á vista então, n'um ultimo ultraje, os nobres acabam a sua obra infamante, juntando uma haste de touro a essa insignia do poder. Nas sombras da noite os conjurados somem-se. Então o velho doge grita a afronta feita, ergue-se um clamor, quer a vingança. Como não fôra antes da dignidade suprema mais do que um capitão de galeras e os outras eram os patricios, os filhos dos grandes, a tradição o Tribunal dos Quarenta absolve-os: só dá a Steno uns dias de prisão.

No fundo do coração do velho chefe brame a revolta e então, elle, ergue-se contra esse patriciado que dirige a Republica e pretende entregala ao povo. Pelas noites conjura com os revolucionarios, com os dirigentes da populaça. Ha um pedreiro, Calendario, que o ajuda, um patrão de gondola, Israelo, que o acaudilha. No mysterio da noite combinam o golpe de mão. O povo iria massacrar todas as familias patricias, esquarterar os homens, violentar as virgens, destruir os palacios, arrastar nas ruas os audaciosos que tinham insultado a dogaressa. Mas a conjura é descoberta; o tribunal trabalha em segredo, os chefes presos e na varanda nobre do palacio ducal viram-se balouçar vinte cadaveres d'enforcados. A justiça punia. Entre elles estava o velho doge que no dia seguinte era decapitado. Não ficou uma folha do processo. Veneza iluminada de luar era apesar de essa luz bemdita, uma cidade de mysterio. Correram os annos e uns dizem-no innocente, victima d'odios politicos, outros culpados pela sua grande colera no rugir da affronta feita ao seu grande amôr, á dogaressa linda.

Está n'esta historia de Marino Faliero toda a Veneza.



tro em pouco os vultos sumidos, uns para as bandas de Rialto outros sob a ponte dos Suspiros em barcos que parecem de sonho, outros apparecem cautelosos, como conjurados. Os conselheiros vermelhos condemnaram; elles são os executores. No dia seguinte um nobre senhor appareceu apunhalado no seu leito; no fundo d'uma gondola, n'uma poça de sangue, está o lenço d'uma patri-

O ADORNO

NA BELLEZA DA MULHER

Os adornos nasceram antes do vestuário... Isso disse um grande sabio quando procurava inteirar-se de todos os pormenores da evolução da existência humana.

Realmente tinha razão.



Grande successo do Boulevard de Paris...

O primeiro ser humano que appareceu na terra, antes de cobrir a sua nudez, enfeitou-se.

A mulher tornou-se faceira.

Eva, depois do peccado, para melhor atrahir Adão, cobriu-se com uma folha de parreira, que estando muito longe de ser vestuário, podia perfeitamente ser tomado por um ornato.

Os egypcios, os phenicios, os gregos e os romanos, no seu periodo de florescencia, inventaram mil ornamentos, cada qual mais exotico.

Os selvagens ornavam-se com penas de aves, com flores bizarras, com folhagem, pintavam a epiderme com tintas extrahidas de raizes de plantas exoticas, até que a civilisação trouxe o vestuário, que a mulher procura transformar-o constantemente, pelo menos uma vez em cada trinta dias...

Vieram depois as joias scintillantes, as fitas vaporosas, a variedade immensa de coloridos, as plumas que se agitam com o suave sopro da brisa, os leques, os chapéus tentadores e, como diria qualquer perturbadora andaloz, otras cosas más...

A mulher moderna, no ardente desejo de se embellezar, tudo inventa.

E' uma aspiração para o Bello que faz de cada mulher uma artista tentando realizar em si uma perfeita obra de arte.

A mais singela tem na sua faceirice feminina o segredo de transformar diariamente a belleza que o céo lhe deu.

E' incontestavel que um dos principaes elementos que usa para isso é o chapéu.

As camponezas da mais rustica simplicidade adornam os seus cabellos com toucas coloridas, de tons violentos como campo de verão, ou claras como os azas das cogonhas. Variam os seus feitios e os seus generos conforme a tradição dos paizes em que vivem.

As nossas roceiras usam modestamente o lenço, ardente em coloridos como o sol brasileiro, porque sabem que sob o adorno casto que lhes esconde os cabellos, seus olhos são mais profundos, mais expressivo o olhar e mais tentadora a fôrma perfeitamente desenhada da cabecita moça.

As nossas elegantes têm o chapéu.

São elles maravilhas que desabrochem atraz das claras vitrines, tecidos de prata e de ouro que ornam velludos sumptuosos, brocados que se enrolam em turbantes orientaes, cloches sedosas e coloridas que parecem esperar o rostinho garoto que ainda vão embellezar...

As joias scintillando á luz do sol, á luz da lampada electrica, exer-

cem sobre a mulher moderna uma poderosa fascinação, tornando-a ao mesmo tempo mais encantadora aos olhos do homem, que se rende diante da belleza.

A montra do ourives representa a tentação, como a serpente representou-a no Paraiso no principio da Humanidade.

As rendas formando ondas que parecem espuma solidificada, sobre os vestidos de tecidos finos, seduzem como o canto das sereias.

E, não julgando bastante tantos artificios aparentemente frivolos, a mulher quer mais ainda, por isso enfeitam os sedosos cabellos, principalmente as que não usam chapéus, com guarnições de tartaruga ornadas de pedras multicores que brilham, de guarnições de marfim burilado, com guarnições de celluloido de coloridos berrantes, que se destacam em relevo no meio das ondas louras, castanhas ou negras.

Os cintos variam de formas e de cores.

A "marquise" faz a mulher elegante.

O pequeno relógio da pulseira orienta a mulher moderna como a bussola orienta o navegante que se encontra em alto mar, vendo além daquelles que o rodeia a immensidade das aguas eternamente movimentadas, e o céo ora nublado e ora suavemente azul como as hortencias nas manhãs de verão.

Na bolsa de ouro, de prata e de tecidos bizarras, inventadas para satisfazer a faceirice das filhas de Eva, encontramos um bazar de pequeninas cousas...

Não sendo tudo isso sufficiente, segundo pensa, a mulher usa ainda uma infinidade de ornatos privados, que nem sempre podem ser vistos...

Esses ornatos são applicados ás ligas de seda, que pelas suas formas, parecem rosas, apanhadas de violetas, "bouquets"

de myosotis... ás camisas, quasi sempre caprichosamente bordadas.

O perfume, o pó de arroz, o "rouge" e o "paukín", completam a toilette da mulher, tornando-a altamente encantadora.

Todas as pequeninas cousas formam o conjunto do Bello para embellezar a mulher que nasceu realmente artista, capaz de tirar partido de tudo que tenta e perturba o estado de alma do homem...

As luvax que nosso paiz são um objecto de adorno, continuam a gosar a preferencia do bello sexo.

A ultima novidade são as luvax de canhão, que emprestam á sua dona um typo de amazona antiga.

Mas ha mãos tão delicadas, tão finas que melhor seria mostral-as para encanto dos nossos olhos; porém, como a moda impõe...



Modelo que está fazendo furor nas ruas de Londres



Chapéu... para chamar a atenção



Um modelo discreto e elegante



Uma das ultimas creações... trazidas pelas artistas do Ba-ta-clan



Ainda hoje não sei explicar os motivos que me levaram a pensar em Penston, assim tão sem eu esperar. E' caso para a gente acreditar que a transmissão do pensamento seja uma realidade, pouco aperfeiçoada aliás, e só em parte desenvolvida. Pôde também ser que não passe de simples coincidência, ou seja mesmo uma predisposição natural, em que a gente se ache, em certos momentos, para recordar outros tempos melhores e, com elles, os velhos amigos que o passado occulta nas suas brumas.

Acabava de me desempregar, e era aquella a minha primeira manhã de ociosidade forçada. Não tendo nunca perdido meu tempo com questões de dinheiro, vinte miseráveis libras eram tudo quanto eu possuía e me havia de livrar do contacto com a miséria. Frágil barreira, confessemos, para um tal effeito, e diante de uma perspectiva dessas tratei de me pôr em campo para lhe fugir e, assim, percorri toda a Londres, em busca de novo emprego. Uma acabrunhada fraqueza de espirito começara, porém, a communicar-se a todo o meu ser, pois respondera sem obter resultado a uma meia dúzia de annuncios, mais ou menos eguaes, a que, decerto, duzentos candidatos, pelo menos, teriam respondido também.

Ora, foi descendo a Regent Street para Piccadilly, que eu, sem saber como, me puz de repente a pensar em Jimmy Penston, e fazendo supposições sobre o modo de vida d'elle, e se haveria prosperado finalmente. Havia muitos annos que eu deixára de ver esse companheiro de collegio, mas tinha noticias suas, ás vezes, por intermedio de Molly Lowry com quem elle se correspondia. Muito antes da guerra, Penston partira para a Africa do Sul em busca de fortuna e de gloria, mas, ao que me constava, não conseguira uma coisa nem outra.

Estivera no contingente sul africano, e passava justamente uns tempos na Inglaterra quando o negocio com Molly Lowry começou, digo "negocio", porque, apesar de nada ter sido communicado, não era mysterio, para ninguém, que ella casaria com Penston logo que a situação d'elle lhe permitisse ter esposa. Durante a guerra não nos encontramos nem uma só vez. Eu estava na França, elle estava na Inglaterra e, no "front", nunca aconteceu andar eu por perto dos sul africanos, de modo a poder fazer-lhe uma visita. Velho e querido Jim, generoso e impulsivo, extremamente caprichoso, sempre de sorriso nos labios, era na realidade um dos mais perfeitos e acabados seres que a natureza já creou! Se o Infortunio fosse coisa personificada uma entidade animada, Jim era homem para zombar d'elle á farta, mesmo em quanto lhe soffresse as amarguras. Na minha situação, por exemplo, o Jim continuaria a ser um dos homens mais felizes de Londres. Não deixaria de rir, de mostrar a mesma cara, e, á falta de linheiro nos bolsos, saberia fazer "chocalhar" nelles o molho das chaves.

Pensando nelle, e invejando-lhe o temperamento, entrei no Holloway's, um bar que eu costumava frequentar, na esperança de encontrar por alli algum conhecido. Precisava desabafar com algum dos meus desgostos, e, ao mesmo tempo, como eu tinha alguns conhecimentos e, varios até, dispondo de influencia, talvez se me deparasse algum d'elles, alli, e pudesse indicar-me o meio de arranjar emprego. Naquella manhã, porém, não havia no bar um só conhecido meu. Tudo gente estranha. Cavalheiros bem vestidos, a bebericar e matar tempo. Eu fiz o mesmo. Pedi uma bebida qualquer, e comecei a saboreal-a lenta e tristemente. Estava quasi no fim do copo, quando ouvi bem perto de mim alguém fallando em tom autoritario e aspero. Voltei para esse lado os olhos e vi

que era a moça que servia de caixa, uma creatura de extravagante penteado, a dirigir-se a qualquer pessoa que estava na minha direcção, mas que eu não via, dizendo:

— Vae sahindo daqui... vae embora daqui com isso!

Voltei-me para esse lado e vi então um tableiro pequeno, cheio de cordões e de botões para camisa.

O pensamento é, como se diz, mais rapido que o relampago, e, antes de haver erguido do tableiro os olhos, já eu tinha pensado que elle pertencia, sem duvida, a um desgraçado que entrára alli a lutar valentemente, na conquista de um honesto "penny". Eu estava mal de finanças, como já disse, mas não tanto ainda que não pudesse desfazer-me de um "shilling", em favor daquelle meu semelhante mais infeliz que eu, e ia a metter a mão no bolso, para tirar a moeda, quando encarei o vendedor dos botões.

— Grande Deus! exclamei levantando-me estupefacto.

Tornei a olhar. Encarei de novo o homem. Oh! Não havia engano possível! Aquelle vendedor era Jim, o meu amigo Jimmy Penston, ou, antes, a sua ruina!

Trazia vestida uma roupa já no fio e que se via bem não haver sido feita para elle, um chapéo de feltro muito sujo, e os dedos dos pés a sahirem pelas pontas dos sapatos. O olhar d'elle era meio desafinado, meio envergonhado, e eu comprehendi num segundo que Jimmy Penston acabára, afinal, por fracassar. Já não sorria, e o seu constante bom humor desapparecera. Numa palavra: Jimmy Penston fóra finalmente vencido!

— Seguramente, disse elle quasi a medo, é Archie Ferringhill que eu tenho deante de mim...

— Sim sou eu, que não esperava de modo algum encontrar-te aqui não obstante me haver ha pouco lembrado de ti, de ter pensado na tua pessoa.

— E a que proposito te lembraste, o que é que pensaste de mim?

A sua voz pareceu-me um tanto exaltada.

Respondi:

— Lembrei-me de como eras um animal e pensei no que seria feito de ti. Estou formidavelmente satisfeito de te encontrar. O que é que tu vaes tomar, meu idiota?

Olhou-me com ar duvidoso. Depois, fallou:

— Se não te faz transtorno... manda vir uma "sandwich"...

— E' tudo o mais que quizeres... Depois de tantos annos...

Pedi mais dois chopps e um prato de sandwiches, mas comprehendendo pelo olhar indignado da moça-garçon que o har se escandalizava em ter o Jim por freguez encaminhei-me com elle para os fundos e lá, no cantinho, sentámo-nos a uma mesa meio escondida.

— Mas, Jimmy, o que fazes tu por aqui?

Designou-me com a cabeça o tableiro e retrucou:

— Pois não vês?

— Meu pobre amigo!

— Cheguei á Inglaterra praticamente liquidado. E' uma fantasia, como outra qualquer, esta minha, de vir morrer em casa.

Mitei-o indignado.

— Não digas isso... Estás forte como um toiro... rijo como

ferro.

— Já sei... mas foi durante a viagem que recuperei a saude. Tive todas as variedades de febre, e quasi me custa a crer como pude tornar a ver a Inglaterra. Entretanto, estou arrependido de a ter querido tornar a ver.

— Mas, Jimmy, o que houve, o que te succedeu?

— Não me perguntas nada, se queres não te aborrecer com as minhas mazellas. Tratemos de ti... Estou contente de te tornar a ver.

Pouco a pouco, consegui fazel-o fallar, e contar-me tudo. Fóra sempre, como uma destas pedras que não param nunca, que não chegam a crear a camada de musgo caracteristica. Em quanto teve saude, pôde aguentar-se nos vaevens da vida, mas, depois, a doença apoderou-se d'elle, arrancou-lhe a capacidade para se manter na luta. Quando lhe disseram que eram quasi nenhuma as probabilidades que elle tinha de viver, gastou as poucas economias com a viagem para a Inglaterra, "para vir á patria morrer", e a viagem, afinal, operára o milagre da cura!

— E como vae a tua vida? perguntou-me, desviando a sua pessoa do assumpto da conversação.

— Ruim, respondi. Mas, comparada com a tua, não tenho de que me queixar. Perdi o emprego, mas creio que não terei difficuldade em arranjar outro. Onde moras? — Não te convidou para



Jimmy! gritei eu. Creio que está tudo arranjado. O Sr. Wetherall recebeu-me como a um príncipe!

me visitares, porque a minha toca não é nem muito respeitável nem muito limpa.

— Pois a minha é essas duas coisas. Vem dahi connigo. Jim! Elle fitou-me, com um clarão subito no olhar.

— Por Deus!... E' extraordinario isso! Não és tu o primeiro, da velha guarda, que eu encontro, mas és o primeiro que me traz um convite dessa ordem. Olha, Archie... Não é só a minha vida que me tem dado desgostos. E' tambem o tratamento que tenho recebido de pessoas que julgava minhas amigas, de sujeitos com quem gastei dinheiro quando o tinha, de sujeitos que podiam contar connigo em qualquer situação (difficil e com os quaes eu, ingenuamente, julguei poder contar. Agora já sei que, quando a gente "anda por baixo" todo mundo é nosso inimigo. Cheguei aqui com a roupa em pessimas condições, tendo de comprar outra, ruim tambem mas melhor do que aquella, para poder tentar ganhar a vida. Já por diversas vezes estive neste bar e aqui encontrei Walters, Garnischer, e muitos outros que tu tambem conheces. Não estão ricos, mas estão com a vida folgada. Pois esses sujeitos viraram-me a cara, consideraram o meu apreccimento como affronta, olharam-me com o mesmo ar de indignação como o fez ha pouco a caixa de quando nós estavamos lá ao pé do balcão. — Nenhum delles te emprestou coisa alguma? perguntei surprehendido. — Eu tambem não lhes pedi. Tenho por costume não pedir dinheiro emprestado, quando sei que não posso pagar. Mas elles não m'o "offereceram". Mesmo sem eu lhes pedir nada, começavam a fallar-me da carestia da vida, da alta dos alugueis, de contas a pagar. De repente, fallavam de encontros, que tinham marcados, e lá se iam a toda pressa, guardando distancia com ares superiores. Creio que levaria bordoadas delles, se me atrevesse a pedir qualquer coisa a esses sujeitos que me pediam dinheiro quando eu o tinha, dinheiro que não me pagaram mais. A vida é isto mesmo assim. Andar de finanças arrebitadas, mas bem vestido, não faz grande mal, mas, assim, como eu ando, estarrapado e peor que ser leproso. Fugem todos de nós. Tu és o unico que trata connigo como companheiro, Archie, e tu estás mal tambem.

Leitor, tu lês o que elle disse. A amargura que das suas palavras emanava está acima das minhas faculdades de descripção.

— Só me dediquei "aos botões", accrescentou elle, quando comecei a passar fome. Nunca vendi pelas ruas, por falta de jeito para o fazer. Ora, como não posso voltar para a Africa, eu queria ver se me empregava aqui na Inglaterra. Não sei trabalhar em escriptorio, é certo, mas conheço bem o negocio de agricultura. Podia ir como sub-gerente, ou gerente mesmo, para qualquer propriedade rural. Mas, ninguém me ajuda a arranjar um emprego desses.

— Ouve cá. Já visitaste as Lowry? indaguei.

— Já... Os labios franziram-se-lhe por um momento. Continuou:

— Não ficaram nada satisfeitos de me ver, Archie. Fui lá como estou agora, mas sem o taboleiro dos botões. A minha presença offendeu até as paredes. A Sra. Lowry nem sequer me offereceu café. Li bem o pensamento dessa mulher. Vi o seu terror, pensando fosse entrar, na occasião, alguma visita de cerimonia. Só Deus sabe como pude escapar daquelle terrivel situação. — E Molly? — Oh! Essa não disse duas palavras. Sentou-se e ficou olhando para mim, como se eu fosse algum phenomeno, algum erro da Natureza. Acredita, Archie, quasi chorei em publico, pela estrada de Cromwell, quando regresssei. Aquillo desanimou-me por completo. Estou quasi nos trinta, e até agora eu vivi convencido de que o mundo é composto, na maioria, de gente decente, pois posso affirmar-te que difficilmente se encontraria, em mim, uma particula de cynismo. Afinal de contas tudo é podridão, está tudo pôdre. E' essa a convicção a que cheguei. Tu és, porém, unica e rutilante excepção, Archie, e eu começo a sentir-me melhor.

Accendi um cigarro e ri-me para Jimmy, dizendo-lhe: — Oh! Eu não pretendo ter monopolio de virtudes. E' porque não tem calhado fazer uma "partida" como os outros. Quem sabe se eu não seria como elles se estivesse noutras circumstancias.

— Nunca! disse Jimmy alegremente. — Bem. As sandwiches acabaram já. Vamos a ver. Vens morar connigo?

— Mas, assim?

— Não. Mas isso não tem importancia. Eu te arranjaré roupas. L'odes ir preparando as coisas.

— Isso não pôde ser, meu velho. O teu quarto mal ha de chegar para ti.

— Ha logar a fartar, e quanto á comida ha de chegar para os

dois. Acho que farias bem vir commigo agora, porque já lançavamos juntos.

Fez-me um signal negativo, e fallou:

— Agora, não. Quero ver primeiro se me posso livrar dos botões e dos atacadores, ou se tenho de os levar de novo a quem m'os confiou para vender. Mas, esta tarde, vou a tua casa. Onde moras?

Disse-lh'o e dei-lhe uma chave.

Esta chave é para o caso de tu chegares e eu não estar. Entra e não faças cerimonia, põe-te á vontade.

O phantasma do Jim de outros tempos sorriu para mim com os olhos...

— E's uma grande alma, Archie! Se um dia eu endireitar a vida, não me esquecerei de ti. E' verdade... Agora, me lembra.

— De que?

— Eras capaz de ir para a Africa se arranjasses, lá, bom emprego?

— Iria para o fim do mundo, até. Porque perguntas isso? Jimmy palitou os dentes por um momento antes de me responder.

— Tem graça disse por fim. E' talvez o caso do rato ajudando o leão, ou o do medico que não se sabe curar a si proprio, mas receita para os outros. Eu posso, por exemplo, apresentar-te a um cavalheiro capaz de te dar o emprego que te convem.

— Realmente tem graça! disse eu em ar de duvida. Por que não arranjas, então, esse emprego para ti?

Jimmy riu...

Pois eu já não te disse que não tenho jeito para o commercio, ou qualquer especie de trabalho em escriptorio? Fica sabendo... E' uma boa casa, esta de que te fallo, a das Tintas Dimple. Está vencendo todas as outras do genero. Dentro de um anno ou dois, a firma terá succursaes por todo o mundo. Vou dar-te uma carta para Wetherall com quem eu fiz grandes relações de amizade, e é o chefe do escriptorio de Londres. Pelo amor de Deus te peço, que não lhe digas em que condições eu vivo. Bem... Agora, achas que essa belleza loira, que está por detrás do balcão, nos obsequiaria com uma folha de papel e um envelope?

Fui até ao balcão e pedi o papel á pequena, que m'o serviu muito graciosamente, e levei-o a Jim emprestando-lhe a minha caneta-tinteiro. Os labios entreabriram-se-lhe num sorriso triste, em quanto escrevia um endereço no alto (da folha do papel).

— E' preciso fingir que estou residindo num bom hotel. Não ha nada de mal nisso. E' preciso, acredita.

Continuou a rabiscar, e depois deu-me a carta para ler, emquanto fazia o subscripto.

Dizia assim:

"Caro Wetherall

Esta tem por fim apresentar-te o Sr. A. R. L. Ferringhill, que no momento está desempregado. Talvez lhe possas arranjar alguma coisa de accordo com a sua posição e conhecimentos.

Muito obrigado. — Teu sinceramente — Jimmy Penston".

Li a carta duas vezes e olhei, muito admirado, para Jimmy. O tom arrogante com que elle escrevera é que me espantava. Então o pobre Jim, roto e decahido, a vender botões pelos botões, ousava apresentar-me, naquelles termos, a uma tão importante firma?

O meu amigo parece que adivinhou meu pensamento, porque se poz a rir, dizendo:

— E' assim mesmo... o mundo é isto, Archie! Vae fallar ao Wetherall. — Irei esta tarde. — Lá me encontrarás na tua casa quando voltares... E, agora, boa sorte, meu caro Archie!

Quando voltei, passava um pouco da uma hora da tarde, e encontrei Molly Lowry perto de minha casa.

— Oh! gritou ella. Ainda bem que o encontro Sr. Archie. Preciso muito de lhe fallar.

Molly era uma dessas loiras mignons que não mostram nunca a idade que tem. Pelos meus calculos deve estar nos vinte e sete, mas parecia uma creança. Estava inquieta, transtornada.

— O que ha? perguntei.

— Jimmy Penston está na Inglaterra. Foi visitar-nos hontem. Coitado! Caiu muito!

— Já sei disse eu pausadamente. Já o vi!

— Já? Já o viu?

A sua anciedade fez com que ella me apertasse com força o braço.

— Onde está elle. Diga-me o seu endereço, sim?

— Não sei.

— Mas sabe onde elle se pôde encontrar, com certeza. Peço-lhe que m'o diga. Minha mãe tratou-o grosseiramente, hontem, e eu tambem. Mas, foi sem querer. Fiquei tão admirada, tão impressionada de o ver assim, decahido e roto, que não pude dar palavra. E, depois, minha mãe despachou-o tão depressa! O senhor sabe...



Nós tambem temos uma novidade para the dar, Sr. Archie! disse Molly.

Nós eramos noivos. Oh! Como eu desejava pôr-lhe o de novo!

Olhei-a bem nos olhos e falei:
— Eu posso dizer-lhe onde elle está, mas quero que me diga primeiro qual é o seu objectivo. O pobre Jimmy está muito desanimado, muito sentido com a maneira por que o têm tratado.

Quero ir ter com elle, disse-me com a voz embargada, para lhe affirmar que esperarei sempre por elle, que o ajudarei no que puder. Estou convencido de que, quando Jimmy saiu hontem de nossa casa, ia pensando em que eu o repudiei. Nada disso, M' que eu fiquei aturdida, com o seu aspecto. E além de tudo minha mãe estava presente e eu, deante della, não sou senhora de mim para coisa alguma.

Vi que me falava com sinceridade.
— Nesse caso, retorqui, não tem muito que procurar. Jimmy virá aqui, esta tarde, justamente em uma hora em que eu não estou.

Eram pouco mais das tres horas, quando me apresentei nos apalçados escriptorios londrinos das Tintas Dimple, para falar ao Sr. Wetherall. Mandeí entregarem-lhe a carta de Jimmy, e um minuto depois eu era introduzida numa sala caprichosamente mobiliada, onde um homem vermelho, de uns quarenta annos, se levantou para cumprimentar-me por detrás de uma secretária-bureau, e me apertou a mão, pedindo que me sentasse. A sua polidez quasi me transtornou.

— Eu vou pedir-lhe que me desculpe, Sr. Ferringhill, mas esta tarde não tenho tempo para conversar a preceito com o senhor, mas é grande o meu prazer em conhecê-lo. É o Sr. Perston, como vae elle?

— Parece que vae bem, respondi cautelosamente.
— Folgo muito em saber-o. Não faz transtorno ao meu caro Sr. Ferringhill, em vir lanchar commigo amanhã, pois não? Talvez possamos, então, combinar a especie de occupação que o amigo deseja.

Quasi tive uma vertigem. Aquillo era uma das taes coisas que eu suppunha existirem só em sonhos ou nas fitas do cinema. O homem fallava-me como se eu lhe fizesse favor em trabalhar para a firma.

— Posso então contar com o emprego? tartamudei.
Elle riu-se.

— De certo. Nem precisava perguntar... Os amigos do Sr. Perston e meus amigos são, e os seus pedidos, ordens para mim. Ficou combinado... Amanhã, á uma hora da tarde, aqui... Se vir o Sr. Perston queira apresentar-lhe em meu nome os melhores cumprimentos.

Sahi daquelle sala como um homem que caminha num sonho, e, não obstante com uma incommoda suspeita de que alli havia coisa... A lembrança do pobre vendedor de botões e atacadores tornava toda esta historia mais theatral e bizarra. Tomei um taxi para voar para junto de Jimmy, e dar-lhe a novidade.

Estava elle e estava Molly Lowry. Havia signal de lagrimas nos olhos della.

— Jimmy! gritei. Creio que está tudo arranjado. Vou amanhã conversar com o sr. Wetherall para combinar tudo direito. Tratou-me como se eu fosse um principe!

— E por que não? replicou elle sorrindo.
Pareceu-me naquelle momento o Jimmy de outros tempos.
— Nós tambem temos uma novidade a dar-lhe, Sr. Archie! disse Molly. Tornámos a ficar noivos.

Apresentei-lhes as minhas felicitações, o mais gentilmente que me foi possível.

— Já esperava isso! conclui.
— Desta vez é official, disse Jimmy. Molly vae vender violetas e eu botões, em quanto não melhorarmos de situação.

Olhei para um e outro, certo de que se divertiam á minha custa. Entretanto, Jimmy accendia um cigarro. Depois, fallou-me com certa gravidade, com tanta que eu me espantei esperando ancioso que elle acabasse.

— Archie, meu velho, tenho que te fazer uma confidencia... Conteve-se um pouco. Depois proseguiu:
— Tudo isso foi farça, meu velho. Se é experiencia de máo gosto, não tenho eu a culpa.

O meu genio é assim. Creio que todos os homens devem experimentar os amigos para saber os que o "são" e os que o "não são". Não recommendo, porém, a experiencia a ninguem, que é de cortar o coração.

Compreendi tudo. Vieram-me á lembrança, de tropel, todas as partidas pregadas por Jimmy ha tantos annos.

— Queres dizer, então, que não estás arruinado!

— Arruinado coisa nenhuma! A sorte acabou por bater á porta. Ao voltar á patria, para gozar emfim dos proventos obtidos, lembrei-me dos camaradas antigos que eu poderia ajudar na vida.

Aos que tivessem bons empregos, arranjaria outros melhores, mas, em viagem, fui tentado pela idéa de saber o que é que elles fariam por mim, como se portariam commigo, se fossem inversas as nossas condições, isto é, se fosse eu que precisasse delles em vez delles precisarem de mim. Não tens que te surpreender do modo como foste tratado por Wetherall. Eu, hoje, sou virtualmente o patrão delle, e o que eu digo é o que se faz.

Sou o fundador da firma e quem tem nella os maiores interesses. Estou quasi milionario, esperando de o ser, cinco ou seis vezes, dentro de poucos annos, e tu, Archie, desde já ficas a meu cuidado.
Eu estava atordado.

Jimmy concluiu:
— Como já te disse, a experiencia que eu tentei é por demais dolorosa para ser repetida e o melhor e mais commodo de tudo é a gente viver no paraíso dos tolos e pensar o melhor possivel dos nossos semelhantes. Aliás, estou satisfeito. Encontrei um verdadeiro amigo e uma desinteressada esposa.

Voltou-se então para Molly, pegou-lhe nas pequeninas mãos, e já as levava aos labios, quando eu, para não ser indiscreto, me encaminhei para a janella a ver o que se passava na rua...

A. M. BURRAGE,



Boudoir Chinez — Projecto de CH. HARTMANN — Paris

O SONHO DE AMUNDSEN

O Polo Norte alcançado em aeroplano

AMUNDSEN, o notavel explorador do Polo Norte, pretendia alcançar este anno as mysteriosas regiões polares em aeroplano.

Não se realisou, por motivos imprevisos.

É que o aprehendido pelo intrepido explorador na Alemanha, não estava em condições de fazer a arriscada viagem.

O avião aéreo que Amundsen pretendia tentar é de mais de tres mil kilometros, de Alaska a Spitzberg, por cima de planices de gelo. A conquista do Polo Sul, que, desde 1911, pertence ao intrepido explorador, que em se mostrando sempre de uma audacia inaudita, sem um momento de desanimo, não atisfez ainda o seu sonho de gloria.

Quer agora alcançar o Polo Norte.

Amundsen, sabendo que naquellas regiões inteiramente inexplorada com a mente dos homens, não jôde ter nenhuma reserva de recursos possíveis em uma caverna, não pode esperar também salvar-se em algum navio, como nas notas oceanicas e vapores, e quatro annos que se prepara minuciosamente para a perigosa via e sem vacilações e sem desanimo.

Exactamente esse tempo, o celebre explorador se tem applicado na resolução do problema da aviação nas regiões glaciaes, que é naturalmente necessario para seguir com exito o seu ideal.

O seu avião, inteiramente metalico, construido nas fabricas americanas Larsen, está provisto de um motor com eixo flutuante pelo ar, um systema de calorifico para o motor e de azeite e da cana isolação para os passageiros, que é util para a defesa, contra o frio, de luvas cobertas de isoladores de electricidade.

Amundsen já realiçou tres grandes voos de ensaio, afim de estudar as difficuldades que tem de resolver, relativamente a navegação aerea nas regiões polares. Sabese que a regra usual do emprego da bússola, assim como a orientação pelos astros, não se podem applicar além do 70º de latitude.

Os adivinhos devera, para determinar posições, fazer observações astronómicas e calculos que necessitam estudos particularmente completos.

O arrojado explorador preparou cuidadosamente, com plena organização de recursos para os casos possíveis aidentes, conforme descrevemos abaixo.

Em Spitzberg, enquanto se assignala a partida do avião que vai atravessar o Polo Norte, permanecerá uma expedição de socorro. Serão installados postos de telegraphia sem fio em Spitzberg e Noorwik, no estreito de Behring. Assim que o posto de Noorwik chegarem as noticias da partida, os habitantes farão permanentes signaes de fogo. A pequenas distancias os vigilantes esquiados acenderão umas trinta foguetas entre Wainwright e Noorwik para transmittir a noticia. Apesar das precauções tomadas, o auxilio que se podera prestar a expedição, em caso de perigo, em outras terriveis difficuldades. Antes de chegar ao Polo o audaz explorador fará mais de dous mil kilometros sobre regiões absolutamente inex-

ploradas, sendo obrigado a fazer varias etapas. Entre o Polo, Spitzberg e a terra de Grant, a zona gelada é relativamente mais acessivel e mais conhecida. Partindo da terra de Grant, Peary chegou ao Polo Norte a 6 de Abril de 1909. Amundsen, com um apparelho cinematographico que leva a bordo



Amundsen saindo de seu avião

do do avião, poderá obter documentos completamente inéditos, e de interesse scientifico incontestavel. A partida dependerá das condições atmosphericas.

Não tendo o intrepido explorador reali-

sado este anno o seu sonho, por motivos imprevisos, vai tentar novamente a sua realisação, no anno proximo, quando os dias polares serão mais longos.

A viagem ás regiões ignoradas do Polo Norte, segundo noticiaram ha pouco tempo alguns jornaes de New-York, vai ser também tentada por um grupo de scientistas norte-americanos, sob os auspícios do proprio governo, que mandou construir especialmente para esse fim um grande avião, capaz de comportar cerca de 40 pessoas.

As principaes peças do monumental apparelho serão de aluminio e vão ser feitas sob a direcção de uma commissão de technicos, composta das maiores notabilidades da engenharia dos Estados Unidos.

A expedição, que será acompanhada por um historiador, um literato, dous telegraphistas e dous jornalistas, constará de professores de todos os ramos de sciencias, membros das Universidades de todo o país.

O grande apparelho, que vai ser bastante confortavel, levará uma completa estação de radio-telegraphia e outra de radio-telephonia, com força sufficiente para que as suas communicações possam alcançar a distancia de dous mil kilometros, podendo, portanto, estarem os expedicionarios em permanente correspondencia com New-York, em qualquer que seja o ponto em que se achar o avião.

Os norte-americanos contam com o exito da arrojada aventura.

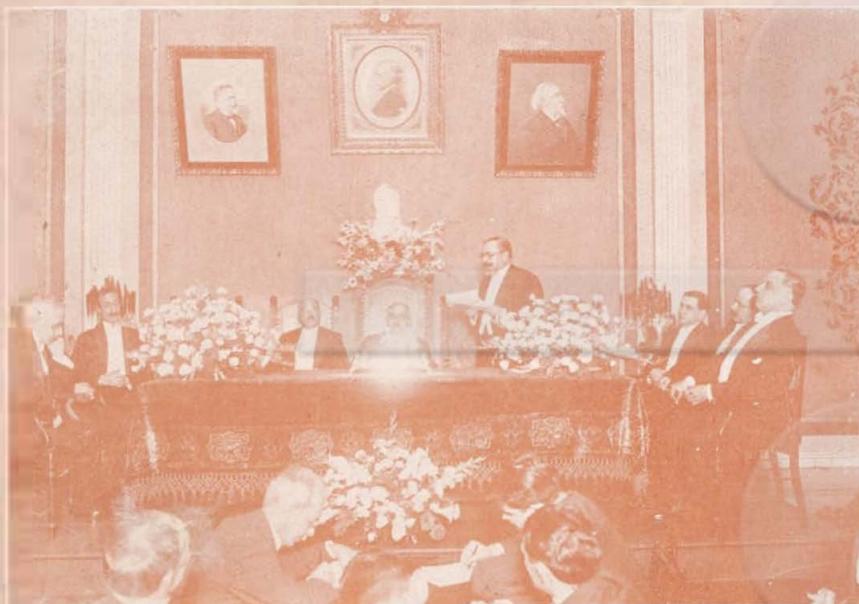
O apparelho devera ficar prompto ate Março do proximo anno, visto a expedição pretender partir ao mesmo tempo que o intrepido Amundsen, observando também mais ou menos, a mesma rota.

A travessia pode ser feita em 24 horas de voo.



O ITINERARIO DE AMUNDSEN

Commemorando
 a data da pro-
 clamação : :
 da Republica
 : : Portuguesa



Passou para os portugueses a nova Republica em 25 de Abril de 1976 representa para Portugal o inicio duma nova orientação aos seus destinos Portugal com o novo regimen tem conseguido mostrar o valor da sua raça caminhando na estrada do progresso e que têm direito os seus milhares de filhos.

O Dr. Teixeira Gomes que se destacou aquella época e que honrou de mais a qualidade e a sua posição na politica portuguesa que até hoje faz parte da historia dos homens capazes de governar com firmeza e inteligencia.

Embaixada de Portugal

República de Portugal
 Lisboa e Condição

Grupo Republicano

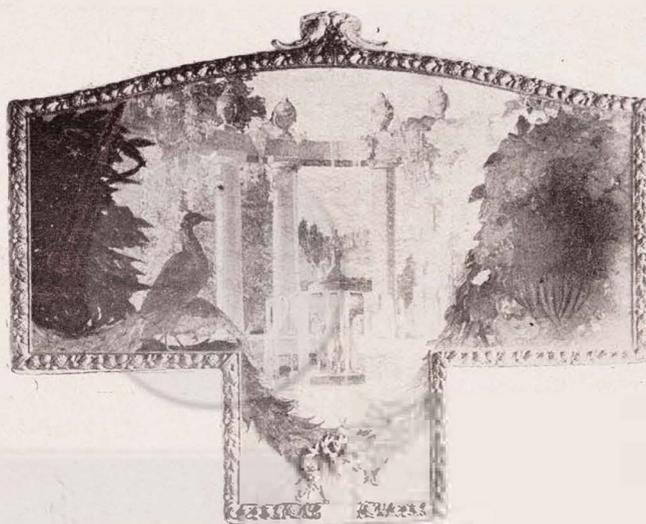
A mesa que presidiu a sesão
 solene

Um aspecto da celebração



RESTAURANTE TAVARES

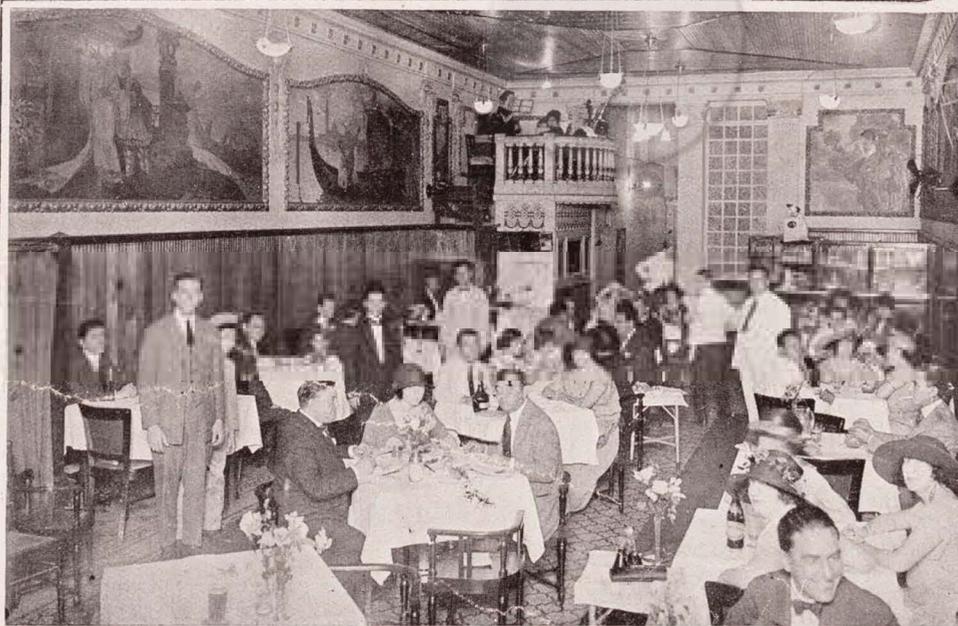
RUA CHILE AO LADO DO CINEMA RIALTO e salão de luxo com entrada pela Rua Mexico, 119, junto ao Theatro Phénix, onde se reúne a alta sociedade carioca. — Este restaurant a par d'um serviço de cozinha esplendido que não tem rival no Rio de Janeiro, tem um salão confortável e artístico onde a mão do artista caprichou para dotar a Capital d'um estabelecimento á altura de seu progresso. O cliente é servido por uma criadagem atenciosa, e todas as noites toca uma orchestra de senhoritas sob a regencia de Mme. Ada, que tornam o ambiente agradável.



Um dos quadros que ornamentam o salão

Face do lado direito mostrando a galeria dos maravilhosos quadros, obra de um exímio artista russo.

Aspecto do salão do restaurant em pleno funcionamento, vendo-se ao fundo em pé, dois dos proprietários Srs. Fernando Tavares e Luiz Mendes.





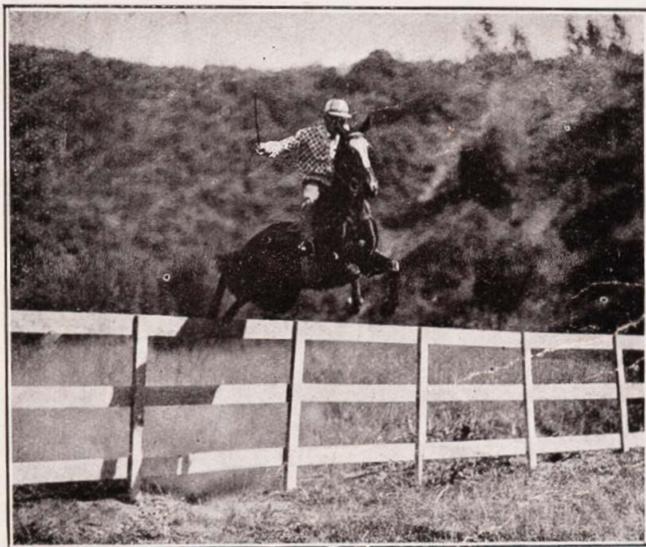
O Mundo Sportivo

Tudo passa...

POUCO tempo depois da proclamação da Republica no periodo aureo do ensilhamento, quando muitos ricos ficaram reduzidos á miseria da noite para o dia, e muitos pobretões, aliás ricos de espertezas, ficaram regularmente "arranjados", appareceram no Brasil, importados do estrangeiro, dons sports que fizeram furor.

Um foi a pelota e outro o cyclismo.

Ambos, porem, serviram de pretexto para a jogatina desenfreada, que sendo prohibida alguns annos mais tarde pela policia, tanto a pelota como o cyclismo entraram em decaencia, afim de dar logar ao football, que introduzido no Brasil desde os ultimos annos da Monarchia, somente tomou o verdadeiro impulso, depois de construida a Avenida Rio Branco, accentuando-se cada vez mais o seu desenvolvimento, que incontestavelmente é um dos prin-



UM BELLO SALTO

eipaes factores de cultura physica.

A pelota, o jogo dos vascos, alem dos profissionais que todos os dias jogavam nos frontões da praça da Republica, da rua do Lavradio e da rua Silveira Martins, irradiou-se apenas entre alguns amadores, filhos de familias notaveis do Brasil.

Nos amadores contavam-se pessoas que occupam actualmente altas posições sociaes, entre ellas um representante do Districto Federal no Congresso Nacional; emquanto que o cyclismo, apesar de tomar grande impulso desde os primeiros dias, teve como amadores somente alguns empregados do commercio.

Mas passando os primeiros momentos de entusiasmo, tanto a pelota como o cyclismo, logo depois da policia começar a agir contra a jogatina, entraram em franca decaencia.

Foi então que o football começou a tomar impulso, a ponto de chegar a ser actualmente o sport favorito de toda a população do Brasil.

Na França a animação pelo cyclismo continua intensa. Ainda ha pouco tempo realisou-se um "raid" entre Paris e Bruxellas, no qual tomaram parte cerca de 50 corredores, chegando quasi todos ao ponto determinado, onde receberam delirante manifestação promovida por francezes e belgas.

Passa o gosto pelo jogo dos vascos, deixa-se inteiramente de lado o cyclismo, fica esquecida a patinação, mas o football resiste, desenvolve-se de maneira assombrosa, irradiando-se do sul ao norte do Brasil, havendo todos os annos animados campeonatos, tomando parte equipès estaduais e internacionaes, formando-se no seio da população partidos que "torcem" com entusiasmo em favor de seus favoritos, conforme verificamos presentemente com o Campeonato Brasileiro, que ainda se disputa entre as mais afamadas "equipès" do Brasil, tomando proporções de verdadeiro delirio.

Ao cahir da tarde, nos dias dos encontros sportivos, os apreciadores do favorito sport ficam ansiosos em busca do resultado.

BOX FEMININO

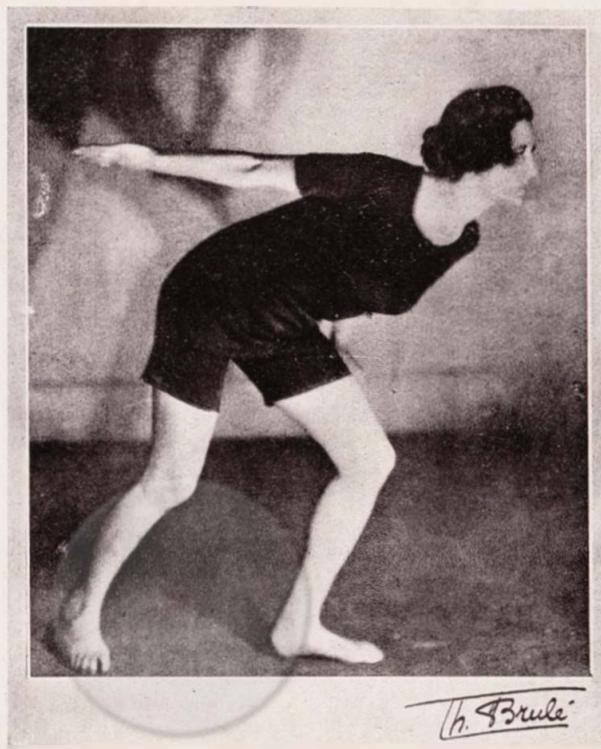


KNOCK-OUT...

OS CAMPEÕES MUNDIAES



GEORGES SÉRÈS — Campeão de ciclismo que venceu este anno a prova de velocidade correndo tres mil metros



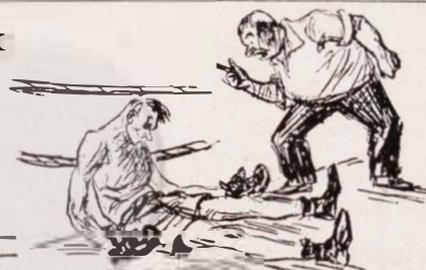
Mlle. THÉRÈSE BRUHL — Campeã de corrida a pé na distancia de 800 metros

UM MATCH DE BOX

por CLIVE WEED



Entrevista forçada



Emfim só...



Tête à Tête



Imitando Firpo



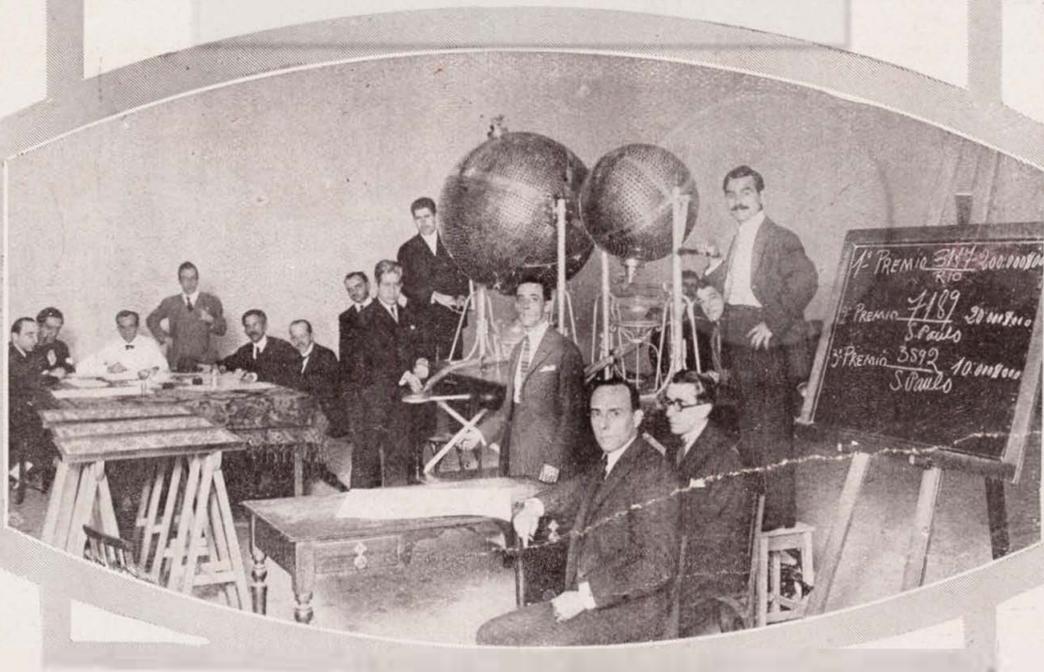
Chamando a Assistencia

O PRIMEIRO SORTEIO DA LOTERIA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

NO PREDIO DA AVENIDA RIO BRANCO N. 136



Vista parcial da assistencia



Funcionarios do Thezouro Nacional que procederam ao sorteio, sob a direcção do Snr. Dr. Carlos A. Maylor Junior, Director Geral da Contabilidade.

Em 14 de Novembro haverá o sorteio da segunda Loteria de 200 contos
 JOGAM SO' 8.000 BILHETES



EDNA MURPHY — DA FOX

TOMAR BANHOS DE MAR? SIM MAS COMO?



- **"Copacabana"** é o lugar ideal para fazer uma estação de praia
- **"Copacabana"** proporciona banhos de mar, sol e vida ao ar livre.
- **"Copacabana"** deu um especial cuidado ao conforto das crianças com salas especiais.
- **"Copacabana"** está instalado com o máximo luxo, a sua excelente cozinha e serviço impecável proporcionam uma vida deliciosamente agradável.

Musica e dança das 9 às 11 1/2

Chás dansantes aos Domingos

Copacabana Palace Hotel

Para preços dirigir-se ao Gerente

Telegrammas: HOBALCOP - RIO



Quem no entanto recebeu o castigo fui eu, que por ser Lottie, a infeliz menina, meu modelo, todos julgaram que fosse eu o culpado de tão grande e irremediável desgraça, quando era innocente como só Deus o sabia.

E Marion, de tudo informada, negava-se a ouvir-me, casando-se immediatamente como escolhido por seu pae.

Tendo perdido o amor daquelle anjo, que era a minha vida, o que me restava senão a morte?

Abandonei Paris, e embrenhei-me por este mundo, bebendo, bebendo desbragadamente para esquecer... e



Em estudos á beira-mar conheci Marion

fui descendo, descendo, chegando ao ponto em que me encontro.

Ainda não terminou o meu romance, disse Stevens, aos rapazes que o ouviam horrorizados e condoidos por tão nefasto destino.

Certa noite, dirigi-me para o bairro chinês, e sentei-me numa mesa: depois de ter bebido muito, achando-me em tal estado que alguns larapios, perseguidos pela policia, para salvarem-se, botaram a carteira roubada no meu bolso, sendo assim preso e condemnado a dois annos de prisão, por um crime que não praticára.

Já eram passados mezes, quando um dia os presos se revoltaram, e naquella confusão escapei-me também, não com facilidade, porém, atirando-me de enorme altura e depois de nadar horas, cheguei a uma ilha, na qual o pharoleiro se achava gravemente enfermo. Ahi permaneci até que o homem ficou restabelecido, e entreguei-me novamente á policia.

No momento em que cheguei á cadeia, lá encontrei o pharoleiro e o ex-governador Rankin, a quem havia salvo a vida, que pediram o meu perdão e conseguiram a minha liberdade.

Do que me valia a liberdade,

si já não existia para o mundo? Entreguei-me outra vez ao vicio da bebida, e acho-me no estado em que me vêem entre vós.

Quando terminava o seu doloroso romance, eis que entra um pessoal, pela apparencia aristocratas, e Marion, que não era outra, ajoelha-se aos pés de Stevens, implorando-lhe o perdão, pois que seu irmão tudo confessára.

E assim é que Stevens, promette a Marion regenerar-se e voltar digno do seu amor.

E na primavera seguinte, vemos aquelle joven casal em passeio pelo campo, já esquecidos do triste passado, enfeitados e felizes pelo puro e doce amor que os unia...

Tudo passa na vida!

Stevens fica perplexo.

Deante daquella que tanto tinba amado e por quem tanto tinha soffrido e que agora se lança a seus pés implorando o perdão, não pode articular uma só palavra.

Seria um sonho?

Não. Era realmente Marion que lhe pede para voltar ao bom caminho e que lhe jura jamais o abandonar.

Quem resiste ás supplicas de uma mulher a quem se ama?

Elle perdóa.



Dick ia fugir para Boston



Este momento. Marion apparece.



Alguma cousa para ser BONITA

Se chega o momento em que V. Ex. nota as prematuras rugas ao redor dos olhos, as manchas no rosto, pelle flacida e sem brilho de juventude — cravos, vermelhões, espinhas, cutis aspera e resequida, precisa fazer **ALGUMA COUSA** para impedir o progresso dessas imperfeições e dar nova vida e belleza á cutis.

Essa ALGUMA COUSA é o CREME POLLAH !

Ao **CREME POLLAH** está destinada a missão de distribuir e felicidade e alegria ás senhoras e moças, devolvendo ao rosto a sua perfeição, o aspecto de juventude, fazendo absolutamente desaparecer as **Rugas, Espinhas, Cravos, Manchas**; dando diariamente á pelle a **SUAVIDADE** e o **COLORIDO** da primeira juventude.

POLLAH, o maravilhoso Creme da American Beauty Academy, representa a ultima palavra da sciencia dermatologica e nada o iguala para **EMBELLEZAR CONSERVAR** e **CURAR** as imperfeições da cutis. Como Creme de toilette deve ser usado **POLLAH** diariamente para dar a **côr clara, suave, parelha**, e adherir o pó de arroz, protegendo ao mesmo tempo contra o **vento, sol, poeira e calor**.

Haverá por acaso algo que proporcione a uma Senhora maior prazer que a certeza de sentir-se admirada? **POLLAH** proporcionará essa certeza!

Essa é a admiravel missão do POLLAH.

Para efficacia no emprego do Creme **POLLAH**, enviamos gratuitamente a quem nos enviar o "coupon", o livrinho **A ARTE DA BELLEZA**; nelle se encontram todos os conselhos para hygiene e embelezamento da cutis e cabellos.

Pollah

Côrte este "coupon" e remetta aos Srs. Rep. da American Beauty Academy -- Rua r de Março, 151, Sol. -- Rio de Janeiro -- "Frou-Frou."

NO ME
RU A

CIDADE

ESTADO



A Variedade da Moda

A MODA na sua historia

As esculturas e pinturas mais antigas, que se tem conservado até aos nossos tempos mostram, que tanto os homens como as mulheres da Grécia usavam o cabelo cobido sobre os hombros e costas, em grande numero de madeixas miudas, entrançadas umas, e outras torcidas em forma de sacarrolhas e os antigos historiallores fazem menção do uso dos ferros quentes para encrespar o cabelo. Passado algum tempo, principiam a usar quasi todo o cabelo deitado para traz, e atado com uma fita, lançando só tres ou quat o pequenas madeixas

sobre o seio, e deste modo está representada a grava d'usa Minerva. Depois costumavam dividir o cabelo da testa até a nuca, e fazer de cada lado grande numero de anneis sobre as orelhas, e deixando o pescoço inteiramente descoberto. Os homens eram igualmente prolixos em annullar as barbas, como vemos nas esculturas, particularmente no alegre Bacccho. Porém, o lux) mais particular das mulheres gregas era o grande numero de ornatos que traziam na cabeça, a mitra, a coroa ponteguda, a líria o diadema em figura de meia lua, as cintas, as meadas de perolas ou coraes, grinaldas de flores, etc.; e pelo que vemos nas figuras antigas, é preciso confessar que as gregas tinham um gosto muito deliado na disposição de seus adornos.

O vestido mais celebrado dos romanos era a toga; esta era um semi-circulo de tóla como a capa hespanhola, porém, sem gola; cobria o corpo dos hombros para baixo sobre a tunica; passava por baixo do braço direito, e ficava presa com um nó sobre o hombro esquerlo. Era extremo o cuidado que punham nas pregas que fazia a toga sobre o peito e hombro; tanto que o celebre orador Hortensio, sendo consul, fez uma amarga queixa ao Senado contra o seu collega, por lhe ter desarranjado as pregas da sua toga ao passarem por um corredor estreito. A cor da toga era geralmente branca, porém, os generaes que alcançavam triumphos usavam-na carmezim bordada de ouro e os patricios tambem a usavam carmezim sem bordadura, mas com listas de outra tóla escarlata e branca, a qual tinha sido em tempos antigos distinctivo de dignidade real. A toga sacerdotal e magistral era tambem carmezim; e por privilegio, cujo motivo ignoramos, a mesma cor foi permittida aos mancebos de familias distinctas, quando chegavam a idade viril. Todo o cidadão em Roma tinha o direito de usar a toga, para sahir á rua, assistir ás festas, e aos convites; porém, não usavam della dentro de casa, nem no campo. A plebe só usava da tunica.

As damas romanas usavam vestido de tóla tão transparente, que mesmo vestidas pareciam nus; até que estabelecendo-se o christianismo como religião do estado, e empregando S. Jeronymo toda a sua eloquencia contra a indecencia daquella moda, foram introduzidos outros tecidos mais tapados. O tocador das damas romanas no tempo da republica, e nos primeiros seculos do imperio, estava provido com todos os adinuculos usados pelas bellas dos nossos tempos, á excepção dos alfinetes, então desconhecidos; é verdade que naquelles tempos não havia espelhos de vidro, porém, uma laminas de metal extremamente polidas produziam o mesmo effeito. O enfeite do cabelo consistia sómente na variedade das tranças, e no modo de as enrolar sobre a cabeça até segurar a ponta no mais alto della, formando uma especie de piramide; e por isso era muito commum usar cabellos postiços. O unico ornato que costumavam usar na cabeça era uma cadeia de ouro entrelaçada com as tranças do cabelo, e uma estreita faixa enfeitada de perolas; os brincos eram as suas joias mais ricas.

As romanas punham summo cuidado na limpeza dos dentes e em augmentar a belleza dos olhos, tendo muita arte para lhes dar maior lustro, e fazel-os parecer maiores e mais proeminentes do que eram na realidade. Todo o artificio consistia em quimar pó de antimónio, e soffrer-lhe o vapor nos olhos, por cujo meio tinham observado que as palpebras se dilatavam consideravelmente, fazendo parecer os olhos maiores.



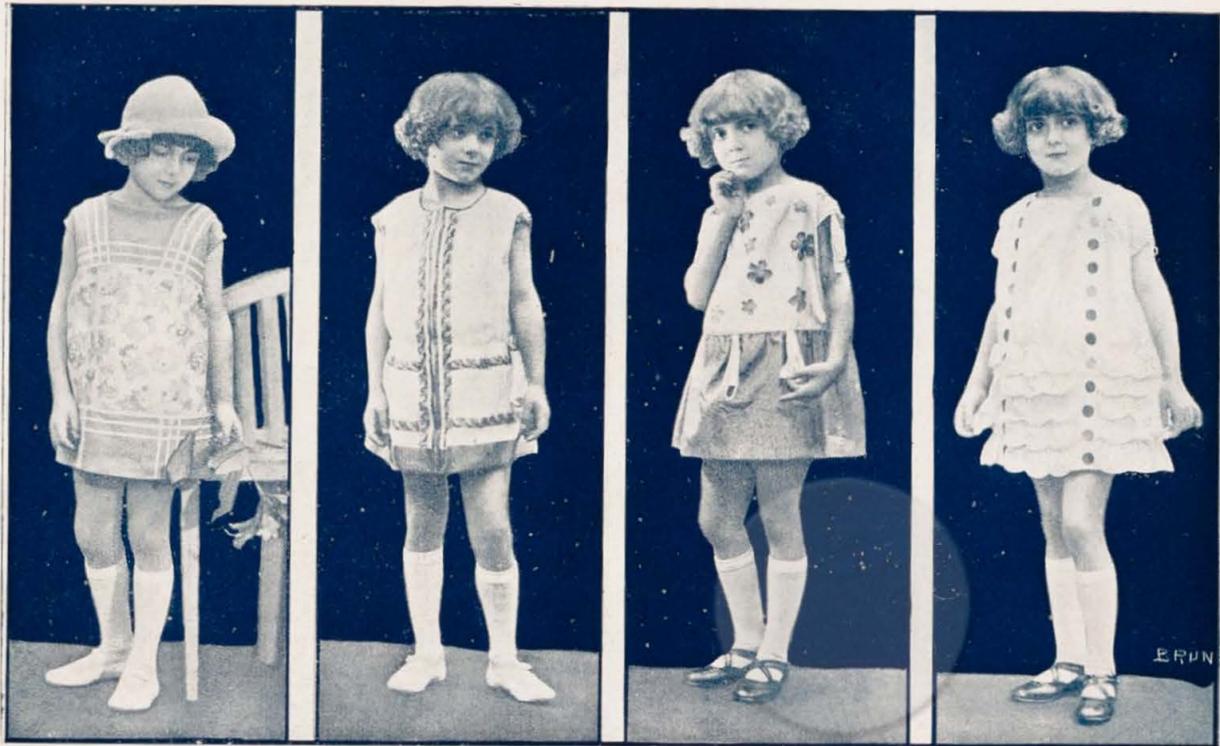
ROBE DU SOIR, criação de Jean Patou — PARIS



ROBE ET MANTEAUX DU SOIR. criação da Casa AGNÉS — PARIS



ROBE DE DINER, criação de MOLYNEUX — PARIS



ROBES DE FILLETES, criação da Casa MIGNAPOUF — PARIS

— MEIAS —

de pura seda
para senhoras



O maior sortimento, cores as mais variadas, os menores preços.

Sempre novidades para presente.

Gançalves Dias, 75

Central 2893

OS CABELLOS CURTOS

Aquelle malicioso e sceptico philosopho, que definiu, com extrema grosseria, a mulher *um animal de ideias curtas e cabellos compridos*, está recebendo ultimamente uma demonstração formal da sua afirmação cruel... em sentido inverso. Na realidade, parece que ultimamente, na mulher, os cabellos encurtaram e a actividade mental augmentou. A mulher, à medida que os cabellos foram ficando mais curtos, desenvolveu a sua actividade a ponto de competir hoje, abertamente, em todos os campos intellectuaes, com o homem que, em parte por timidez, em



parte por delicadeza, vai deixando Eva caminhar arrojadamente, n'um gentil e... perigoso *plac aux dames*, por onde até agora só elle dominava. Mas este combate de energias não nos interessa no momento. Queremos fallar apenas da moda, extraordinariamente vulgarisada dos cabellos curtos, que dão, a certos rostos, um enorme encanto. A moda é util e agradável, como o orador romano queria que fôsse a Historia. Util porque, evidentemente, a hygiene ganha immenso com a novidade e a vida febril da mulher moderna utiliza-se d'esta facilidade para evitar a tortura do cabeleireiro e dos penteados complicadissimos. Agradavel, porque nenhum outro cabelo se adapta melhor ao feitiço moral da sua proprietaria. Com elle, tanto se pode compôr uma cabeça respeitavel de *grande dame*, com o accessorio indispensavel do enfeite de tartaruga; como uns olhos vivos e uma carinha atrevida pôdem arranjar um ar... de *gamine*, que tanto agrada às moçinhas de hoje. Penteado curto é pois pau para toda a obra e demonstra... o que mais convem: que as ideias se desenvolvem na razão inversa do comprimento dos cabellos.

MODELOS
PARA
CHAPEUS

Creações

Parisienses



Creação de MARCELE DUMAY



Modelo da Casa JANE BLANCHOT



Modelo da Casa JANE BLANCHOT



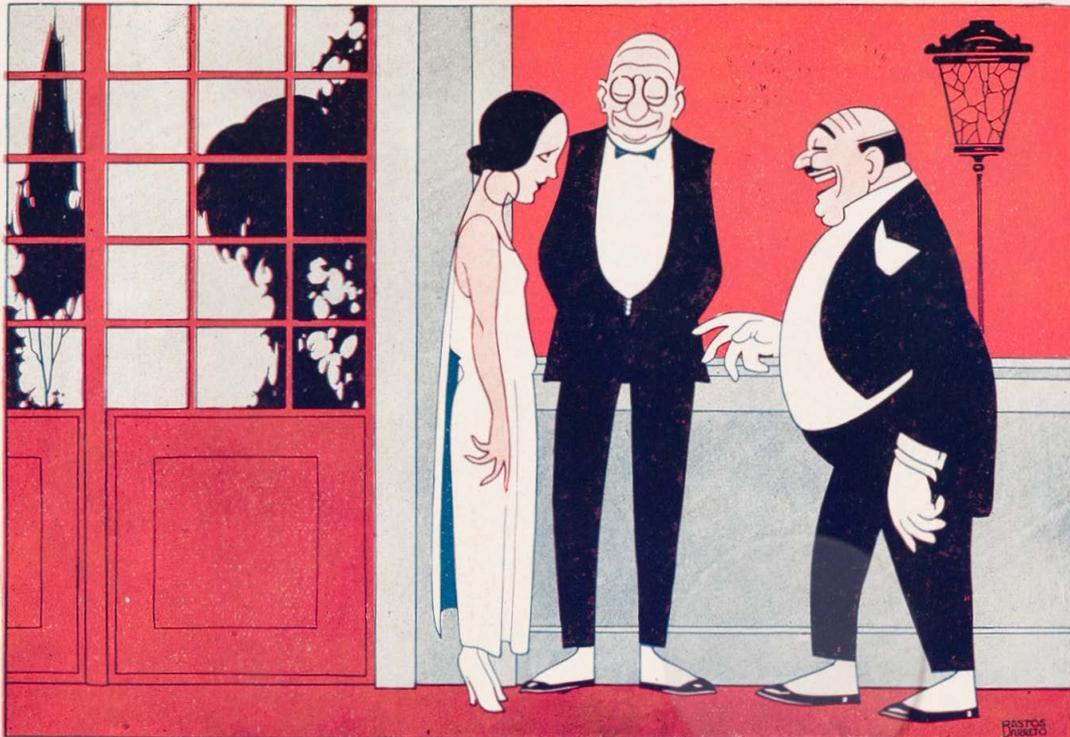
Modelo de MARCELE JAURAS



Creação de MARIE CROZET



Modelo da Casa JANE BLANCHOT



-- Dempsey é um colosso! E' o "Mistinguett" do socco! Pode-se dizer que elle tem "bracos intellectuaes"!

PARAISO DAS CREAMÇAS

Rua 7 de Setembro, 134

Telephone Central 1231

- RIO -

Enxovaes para recém-nascidos e
baptisados - Artigo fino.

Especialidade em vestidos para
mocinhas, copia de mo-
delos parisienses.

— PREÇOS MODICOS —



ALBUM FAMILIAR



Um cinzeiro e um saleiro pintados a tinta "China"

A tinta "China" brilhante

A tinta "china" brilhante, para pintar objectos de porcellana, está sendo extraordinariamente usada, talvez pelos seus efeitos artisticos, e talvez tambem por não acarretar grandes dispendios. Acontece, além disso, que muita gente pobre ganha, com o seu uso, o pão de cada dia, pintando objectos vulgares, que tomam, com essa pintura, uma forma artistica e agradável.

● processo para o seu uso é muito simples. Convém, tão sómente em primeiro lugar, cuidar muito da qualidade da tinta empregada, pois que no mercado existem muitas falsificações.

Não é necessario muita experiencia para tornar a porcellana attrahente. A sua pintura com a tinta "china" brilhante, valorisa-a extraordinariamente, tornando-a um presente economico e bello para entregar a uma pessoa amiga.

Depois de traçado o desenho sobre a porcellana e passada a camada de tinta segundo as linhas desse desenho, apparece a unica difficuldade de peso, e essa é a de levar o objecto pintado ao forno. Ha fornos especiaes que servem para amadores. Na America do Norte, ha casas que se encarregam dessa queima por um preço verdadeiramente modesto: 9 centimos para os objectos pequenos, e 50 centimos para os maiores.

Depois de queima, no forno, a porcellana levará uma segunda camada de tinta, procedendo-se a nova queima, depois da qual o objecto ficará prompto.

Origem d'algumas flores

A *dahlia* cresce espontaneamente nos campos do Mexico, e foi dalli remettida para a Europa em 1789.

A *tulipa* de que se conhecem 25 especies ou mais, é natural do oriente. Foi um embaixador turco quem a fez conhecer a um botanico belga em 1575, e logo depois estava espalhada em toda a Eu-



ropa. Teem-se pago sommas fabulosas por uma cebola de nova variedade de tulipa.

A *peonia* veio da China em 1803.

● *jacintho* é natural da Asia Menor, e foi dalli trazido pelos holandezes antes de 1600.

O *cravo* é natural da Barbaria.

● *amor perfeito* existe selvagem nos campos da Europa. Foi uma senhora ingleza, Lady Mary Tennyet, quem, tomando sob a sua protecção esta flor, em 1810, a fez dalli em deante espalhar e cultivar em todos os jardins.



Como a "prima-dona" adormece o seu bebé

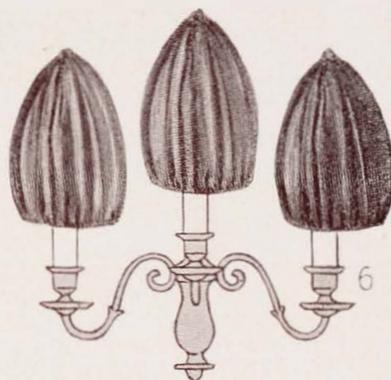
"Abat-jours" artisticos



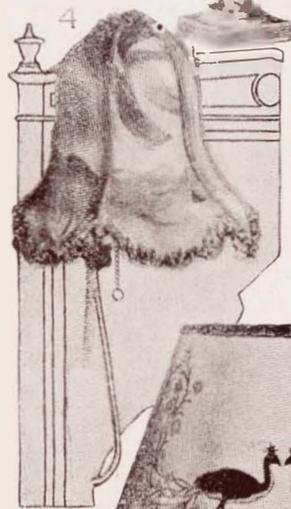
1 -- Uma encaixada sombra de chiffon cõr de orchi-ea. Gelão dourado.



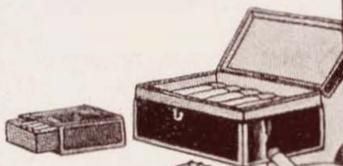
2 -- Seda pregueada de facilimo trabalho.



6



4



3



7



5

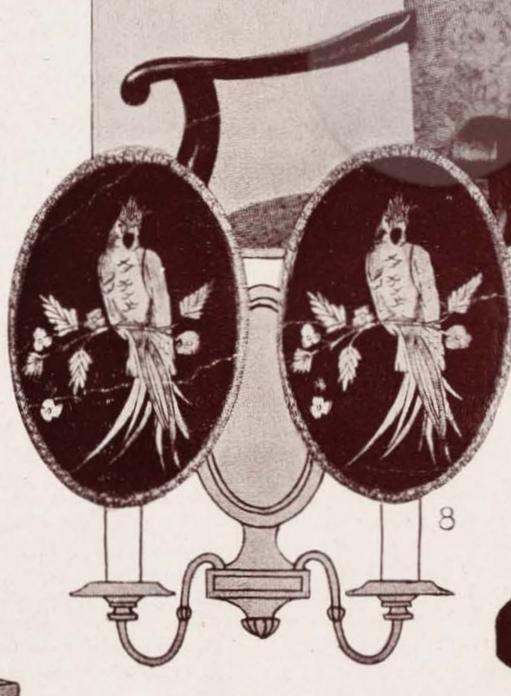
3 -- "Abat-jour" em seda, com uma franja de contas de azul brilhado.

"Abat-jour" para collocar sobre a cabeceira do leito, em forma de tulipa, franjada d'uma linha de pequenas rosas.

5 -- Desenhos de pavão para "abat-jour" de mesa de estudo.

6 -- Tulipas de seda, para lampadas de parede.

7 -- "Abat-jour" para columna, em combinação de ouro e preto.



8

8 -- Escudo "abat-jour" para collocar em lampadas de parede, com desenho de papagaio, d'um bellissimo effeito transparente.

A Historia de MANON LESCAUT

Do ABBADE PRÉVOST

(Continuação)

Eu não recebera a mais simples noticia da sua presença. N'estes edificios ha sempre uns logares para onde vão senhoras que ficam occultas por uma grade. Eu voltei para S. Sulpicio coberto de gloria e de felicitações. Eram seis horas da tarde. Vieram avisar-me, logo depois que eu cheguei, de que uma senhora queria fallar-me. Fui immediatamente para o parlatorio. Meu Deus! que surprehendente aparição! Era a minha amante. Era Manon, mais gentil e formosa, como nunca a houvera visto. Tinha então dezoito annos. Os seus encantos excederiam a melhor descripção que d'elles se fizesse. Tinha um aspecto tão delicado, tão suave, tão atraente. Era o amor em pessoa. Toda a sua figura encantava.

Fiquei estupefacto deante de semelhante visita, esperando com os olhos baixos e tremulo, que ella se explicasse. Durante alguns instantes o seu embaraço não foi menor do que o meu; mas vendo que o meu silencio continuava, levou a mão aos olhos para occultar as lagrimas. Disse-me, então, timidamente, que na realidade acreditava que a sua infidelidade merecesse o meu odio; mas que se, em verdade, alguma ternura por ella sentira um dia, eu não fôra menos cruel, deixando passar dois annos sem lhe dar a menor noticia minha. E que muito mais cruel ainda eu estava sendo, tendo-a alli, na minha presença, sem lhe dirigir uma palavra.

Sentou-se. Eu ficára de pé, com o rosto voltado, sem me a'rever a fixa-la. Tentei começar varias vezes uma resposta, que não tinha forças para iniciar. Por fim, com um grande esforço, gritei dolorosamente: "Perfida Manon! Ah! perfida! perfida!" Disse-me outra vez, entre abundantes lagrimas, que não tentava justificar a sua perfidia. "Que quereis então?", exclamei eu, de novo. "Quero morrer, respondeu, se me não dás o teu coração, sem o qual não me é possivel viver."

"Pede-me a minha vida, infiel!" repliquei-lhe, chorando, porque me não era mais possivel reter as lagrimas. "Pede-me a minha vida, que é a unica cousa que me resta para te sacrificar, porque o meu coração nunca deixou de ser teu". Apenas eu acatára de pronunciar estas palavras, logo ella se ergueu ardente para vir beijar-me. Encheu-me de mil caricias apaixonadas. Chamou-me por todos os nomes que o amor inventou para exprimir as suas mais apaixonadas ternuras. Quasi não lhe podia responder senão soluçando. Que transformação da situação tranquilla em que ia vivendo para aquelle alvoroço antigo que eu sentia renascer! Eu estava espantado. Tremia como que se estivesse, em plena noite, n'uma campina deserta. Julgamo-nos transportados a uma nova ordem de cousas; sente-se um secreto horror, de que nos livramos, attentando longamente no que nos cerca. Tal era o meu estado.

Sentamo-nos junto um do outro. Tomei-lhe entre as minhas as suas mãos.

— Ah! Manon! disse-lhe tristemente; nunca pensei que pagasses com tão negra traição o meu amor! Não te foi difficil enganar um coração de que eras senhora absoluta, e cuja maior felicidade consistia em te agradar e obedecer. Confessa-me se encontraste algum homem mais terno e mais submisso. Não, não! A natureza não crearia coração igual ao meu. Diz-me, ao menos, se lamentaste a minha ausencia. Que devo pensar da tua bondade em me vires visitar hoje? Vejo que estás cada vez mais encantadora; mas em nome de todos os sofrimentos que tenho suportado por tua culpa, diz-me ao menos se és mais fiel."

Respondeu-me cousas tão tocantes sobre o seu arrependimento, affirmou-me a sua fidelidade com tantos protestos e ju-

ramentos, que me interneceu a um ponto verdadeiramente extraordinario.

— Querida Manon, repliquei-lhe n'um mixto de expressões profanas e theologicas; tu és linda de mais para seres uma simples creatura. Sinto que o meu coração se dilata n'uma paixão victoriosa. Tudo o que se diz da liberdade, em S. Sulpicio, é uma chimera. Eu vou perder a minha reputação e o meu bem estar por tua causa, vejo-o bem. O meu destino está ligado aos teus bellos olhos. Mas que prejuisos não suportarei, em premio do teu amor! Os bens de fortuna não me atraem; a gloria é um fumo vão; todos os meus projectos de vida ecclesiastica eram loucuras de imaginação; emfim, toda a felicidade differente d'aquella que eu espero obter contigo é uma felicidade despresivel, porque não vale no meu coração um só dos teus olhares".

Promettendo um completo esquecimento das suas faltas, pedi-lhe informações do modo porque se deixára seduzir por R. Disse-me que, tendo-a visto á janella, se apaixonára por ella; que lhe fizera uma declaração, como quem faz um negocio, dilzendo-lhe n'uma carta que o pagamento seria proporcional aos favores concedidos; que a principio capitulára apenas na intenção de lhe arrancar algum dinheiro com que podessemos viver mais commodamente; que a seduzira com promessas magnificas e que gradualmente se deixára seduzir; mas que eu devia julgar dos seus remorsos pelos testemunhos de dor que experimentára nas vespers da minha partida; que, não obstante a opulencia com que a cercára, nunca com elle fôra feliz, não só por que lhe faltavam a delicadeza dos meus sentimentos e o agrado das minhas maneiras, como porque, tambem, no meio dos seus prazeres e folguedos, que elle, sem cessar, lhe prodigalizava, conservava sempre, no fundo do seu coração, a lembrança do meu amôr e os remorsos da sua infidelidade. Fallou-me de Tibergio e da extrema confusão que a sua visita lhe produzira. Um golpe de espada no coração, declarou, não a teria ferido com mais violencia. Voltou-lhe as costas, sem poder suportar a sua presença um instante. Continuou referindo-me porque meio tinha sido informada da minha presença em Paris, da minha mudança de vida e dos meus exercicios na Sorbonne. Disse-me que durante a discussão se vira tão impressionada, que lhe custára immenso a reter as lagrimas, os gemidos e até gritos, que mais de uma vez se vira na imminencia de soltar. Disse-me, finalmente, que fôra a ultima a sair da sala, para occultar o triste estado em que estava e que, dando obediencia aos movimentos do seu coração e á impetuosidade dos seus desejos, viera direita ao seminario, com a intenção de morrer, se eu não lhe perdoasse.

Onde encontrar um barbaro que deante de um arrependimento tão vivo e tão terno não se sentisse commover. Por mim, sentia-me, n'aquelle momento, capaz de sacrificar por Manon todos os arcebispos do mundo christão. Perguntei-lhe que nova ordem ella quereia dar á nossa vida. Confessou-me que o seu desejo era que eu deixasse immediatamente o seminario e que fôssemos, os dois, esconder-nos em logar bem seguro. Concordei com todos os seus desejos, sem replicar. Manon refugiou-se na carruagem, indo esperar-me na esquina da rua. Um instante depois, consegui sair a portaria, sem que o porteiro dêsse por mim. Subi para a carruagem. Passamos por um alfaiate. Refomei os meus trajas civis e a minha espada. Manon pagou as despesas porque eu estava sem um "sou"; e com receio de que encontrasse difficuldades na minha fuga de Saint-Sulpicio, não me deixou voltar ao meu quarto, para ir procurar o dinheiro que alli deixára. Além d'isso, o meu thesouro era assás mediocre, e ella possuia

bastante dinheiro, com as liberalidades de B... para desprezar o que me obrigava a abandonar. No alfaite combinamos o partido que nos convinha tomar. Para mais valorisar o sacrificio que ella me fazia, abandonando B... resolveu não ter com elle a menor attenção. "Vou deixar-lhe os meus moveis, porque, em verdade, lhe pertencem; mas levarei comigo, como é de justiça, as joias e cerca de sessenta mil francos dos que elle me deu n'estes dois annos. Nenhum poder tem sobre mim; assim poderemos viver tranquilos em Paris, onde alugaremos uma casa commoda, e onde seremos felizes". Considerei, então, que se não havia perigo para ella, o havia, e muito, para mim, que não deixaria, mais tarde ou mais cedo de ser reconhecido, ficando continuamente sujeito ás infelicidades que já uma vez experimentára. Manon sentia muito deixar Paris. Receava tanto entristece-la, que não haveria perigos que eu não suportasse para lhe ser agradável. Encontramos, então, uma forma razoavel de resolver as cousas, alugando uma casa em qualquer dos arrabaldes de Paris, donde nos seria facil correr á cidade, quando o prazer ou a necessidade ah nos chamassem. Escolhemos Chaillot, que não ficava muito longe. Manon voltou immediatamente a sua casa. Fui aguarda-la na porta pequena do jardim das Tulherias. Uma hora depois, ella voltou, n'uma carruagem de aluguer, com uma criada que estava a seu serviço, e algumas das malas, em que metterá os vestidos e o que ella tinha de mais valor.

Chegamos em pouco tempo a Chaillot. Ficamos a primeira noite na hospedaria, para termos tempo de procurar uma casa ou um apartamento mais commodo. Logo no dia seguinte encontramos um, bem a nosso gosto.

Tive a impressão de que a minha felicidade se cimentára em bases indestructiveis. Manon era a doçura e a bondade em pessoa. Tinha por mim attensões tão delicadas, que me julguei absolutamente compensado de todos os meus desgostos. Como ambos tinhamos adquirido alguma experiencia da vida, raciocinamos friamente sobre a firmeza da nossa fortuna. Sessenta mil francos, que constituíam a base da nossa riqueza, não eram quantia que pudesse durar pela vida toda. Alem disso, não estavamos dispostos a limitar exageradamente as nossas despesas. A primeira qualidade de Manon, nem tão pouco a minha, não era o espirito de economia. "Sessenta mil francos, disse a Manon, podem sustentarnos durante dez annos. Bastar-nos-hão dois mil escudos annuaes, se continuarmos a viver em Chaillot. Levaremos uma vida honesta e simples. A nossa unica despesa extraordinaria será o manter uma carruagem e o frequentar theatros. Havemos de nos arranjá-las. Gostas da Opera; lá iremos duas vezes por semana. Em jogo, limitar-nos-hemos tanto, que as nossas perdas não passarão de duas pistolas. É impossivel que n'estes dez annos se não dê qualquer modificação na minha familia. Meu pae está velho; pode morrer. Ficarei então bem de fortuna, e nada nos poderá causar receio."

Esta combinação não teria sido a mais louca acção da minha vida, se tivéssemos sido prudentes para constantemente a ella nos sujeitarmos. Mas taes resoluções não perduraram mais que um mez. Manon tinha uma paixão intensa pelo prazer. Eu seguia-a, n'esse alvoroço. Apareciam-nos constantemente novos motivos de despeza; e eu, em vez de lastimar as sommas que ella empregava algumas vezes com profusão, fui o primeiro a procurar-lhe tudo quanto lhe poderia dar prazer. A nossa existencia em Chaillot começou a ser-lhe pesadosa. ● inverno aproximava-se; toda a gente começava a fugir para a cidade; o campo estava ficando deserto. Propoz-me Manon alugarmos uma casa em Paris. Eu não consenti; mas, para d'algun modo lhe dar praser, propuz-lhe alugarmos um commodo mobilado, onde passaríamos a noite, quando saíssemos muito tarde das reuniões, onde iammos muitas vezes na semana; porque o incommodo do regresso a Chaillot era o motivo alegado para deixarmos o logar. Ficamos assim com dois alojamentos: um na aldeia, outro na cidade, o que alvoroçou, por completo, a nossa vida, dando origem a duas aventuras, que provocaram a nossa desgraça.

Manon tinha um irmão, que era militar. Elle estava vivendo, infelizmente, na mesma rua em que nós viviamos. Reconheceu a irmã ao vê-la uma manhã á janella. Correu immediatamente a nossa casa. Era um homem brutal e sem princípios de honra. En-

trou no nosso quarto praguejando horrivelmente; e como conhecia uma parte das aventuras de sua irmã, cobriu-a de injurias e de insultos. Eu tinha saído de momento antes; o que foi, indubitavelmente, uma felicidade para elle e para mim, que não estava nada disposto a soffrer um insulto, fôsse de quem fôsse. Só depois delle ter partido é que eu regressei a casa. A tristeza de Manon fez-me comprehender que alguma cousa de extraordinario se tinha passado. Foi então que ella me relatou a scena dolorosa que tivera logar e as ameaças brutaes que lhe fizera o irmão. Fiquei tão desesperado que teria corrido a vingar-me immediatamente, se as suas abundantes lagrimas não me obrigassem a ficar. Emquanto eu conversava com ella sobre tão extranho acontecimento, o irmão entrou no aposento onde estavamos, sem se fazer annunciá-lhe. Se eu o tivesse reconhecido não o teria cumprimentado tão delicadamente como o fiz, dando-lhe tempo de dizer a Manon, que vinha alli apresentar-lhe as suas desculpas pelo seu anterior procedimento. Julgava que a vida de Manon era irregularissima, o que o encolerisára. Mas que sabendo quem eu era, por um dos nossos creados, recebera sobre a minha pessoa tão boas informações, que o seu desejo era viver nas melhores relações connosco. Posto que esta informação, que elle obtivera de um dos nossos crados, tivesse qualquer cousa de chocante e depreciativa, saudei-o com afabilidade. Julguei que assim daria prazer a Manon, que me pareceu encantada com a attitude reconciliadora de seu irmão. Ficou connosco para jantar. Ficou, dentro em pouco, tão familiar, que ouvindo-nos fallar do nosso regresso a Chaillot, quiz decididamente fazer-nos companhia. Foi, por isso, necessario arranjarmos-lhe um logar na nossa carruagem. Foi um desastre; acostumou-se tanto a viver connosco que nunca mais nos abandonou, fazendo da nossa casa a sua casa, tornando-se como que o senhor de quanto nos pertencia. Chamava-me seu irmão, e, sob o pretexto d'esta liberal fraternidade, julgou-se no direito de trazer á nossa casa de Chaillot todos os seus amigos, banqueteados á nossa custa, como á nossa custa se vestia magnificamente. Chegou a obrigar-nos a pagar-lhe todas as suas dividas. Eu fechava os olhos a esta tyrania para não aborrecer Manon, até ao ponto de não dar a comprehender que, de tempos a tempos, elle exigia da irmã valiosas sommas, posto que, como era muito jogador, quando a fortuna o favorecia, lhe restituía uma parte dos seus ganhos. ● nosso dinheiro, porem, era muito pouco para que pudesse durar muito tempo com despesas tão extraordinarias. Estava quasi disposto a ter com elle uma definitiva explicação, para nos livrarmos das suas impertinencias, quando um funesto accidente me livrou d'esta difficuldade, causando-nos uma outra, que nos deixou sem recursos.

Ficamos um dia em Paris, para ahi dormirmos, como acontecia muitas vezes. A creada, que ficava só em Chaillot n'essas occasiões, veio avisar-me de manhã que o fogo, durante a noite, destruíra a nossa casa, e que custára muito a extingui-lo. Perguntei-lhe se os moveis tinham soffrido muito; respondeu-me que a confusão fôra tanta, com a multidão que invadira a casa, que ella de nada podia informar. Fiquei cheio de preocupação pelo nosso dinheiro, que eu tinha fechado n'uma pequena caixa. Fui immediatamente para Chaillot. Diligencia inutil a caixa tinha desaparecido. Foi então que eu senti que se pode amar o dinheiro, sem se ser avarento. Esta perda causou-me um tão grande soffriexpôr. De todas ellas a indigencia era a menor. Eu conhecia muito, que julguei que perderia a razão. Compreendi immediatamente a que novas infelicidades me iria certamente, de novo, Manon, sabia já por experiencia propria que, por mais affeioada que ella me fôsse durante os dias felizes, era bom não confiar muito n'ella nas horas da miseria. Ella amava exageradamente a abundancia e os prazeres para m'os sacrificar. "Vou perdê-la, de novo! dizia para mim. Feliz cavalleiro! Mais uma vez perderás aquillo que tanto amas. Semelhante pensamento poz-me em tão terrivel perturbação, que durante alguns instantes eu hesitei em se não seria preferivel pôr um termo a tudo com a morte. Entretanto, ainda pude obter bastante presença de espirito para conseguir examinar se me não seria possivel obter algum recurso. ● céo inspirou-me uma ideia que pôz um termo ao meu desespero.

(Continua).

VERSOS LIPOGRAMMATICOS

Uma curiosidade litteraria

A lipogrammatica é a arte de escrever em prosa ou em verso, tendo-se imposto a si mesmo a lei de supprimir do alphabeto o uso de uma ou mais letras, ou de todas as letras successivamente.

Esta palavra deriva do grego "leipó" faltar, e "gramma" letra; isto é, que "lipogrammatica" designa uma obra na qual falta uma ou mais letras do alphabeto.

Nestor de Laranda, que vivia no tempo do imperador Severo (segundo seculo, depois de Christo), fez uma "Iliada" lipogrammatica em vinte e quatro cantos; o primeiro canto não tinha A, o segundo não tinha B, etc. Tryphiódoro fez a sua "Odyssea", no mesmo genero. Laso, de Hermonia, poeta muito antigo, (seculo VI, antes de J. C.), tinha feito uma "Ode sobre os Centauros" e um "Hymno a Eres" sem S.

Dindaro tinha igualmente uma ode sem S, conforme refere Athenaeu.

Fabio Claudio Gordiano Fulgencio, autor latino do seculo VI, da nossa era, compoz uma pequena obra em prosa latina, dividida, ou antes annunciada, segundo a ordem das vinte e tres letras, em vinte e tres capitulos, dos quaes o primeiro sem A, o segundo sem B, etc. Restam só tres inteiros e uma boa parte do 14.º; isto é, até ao O inclusivamente. Estes treze capitulos foram publicados por Jacques Hommey, frade agostinho, com este titulo:

"Liber absque litteris historia. De otatibus mundi et hominis, absque A, absque Z. Opus mirificum. Auctore Fabio Cl. Gord. Fulgentio V. Cl. Eruit à manuscriptis codicibus P. Jacobus Hommey, Augustinianus, et notis illustravit." Pictavii. Prostat Parisiis apud viduam Caroli Cagnard, 1896, in-8.º de cincoenta e oito paginas, e de mais oito no começo e dose no fim.

Esta obra em prosa não tem nada de notavel senão a singularidade da sua execução lipogrammatica. O 14.º capitulo (sem O), não terminado, tem para titulo "Caesarum mares et victor."

Falla-se, nos preliminares do livro, de um poema, a "Auro-ra", attribuido a Pedro de R. conego de S. Diniz, no seculo XII, que podia ter quatrocentos versos, sempre sobre a historia dos homens; mas, nas relações desta historia com a vida de Jesus Christo. Porém, não citam: delle senão umas estrophes, a primeira em dez versos sem A, a segunda em doze versos sem B, e a terceira em dez versos sem C.

Na litteratura franceza, ha poucas produções lipogrammaticas. As mais antigas, que apparecem citadas, são algumas breves composições de um poeta desconhecido, do seculo XVI, Salomão Certon.

O abbade de Court deu, nas suas "Varietades engenhosas", cinco epistolas, em cada uma das quaes não empregou senão quatro vogaes, faltava o A na primeira; o E na segunda; o I na terceira, etc. Ve-se na mesma collecção uma carta escripta em monosyllabos analogo á que Boufflers dirigiu ao duque de .

Lope de Vega publicou cinco Novellas em prosa, a primeira sem A, a segunda sem B, etc. Julgamos que estas cinco Novellas estão na collecção conhecida pelo seguinte titulo:

"Varios effectos de Amor em onze novelas exemplares, nuevas, nunca vistas, ni impressas. Las cinco escritas sin una de las cinco letras vocales, y las otras de gusto, y apacible entretenimiento; compuestas por diferentes autores los mejores ingenios de Espana; recogidas por Isidoro de Robles natural desta coronada villa de Madrid, etc. Em Madrid, 1.666, in-1.º."

Como temos dito, a primeira Novella não tem A, a segunda não tem B, a terceira não tem C, a quarta não tem O, e a quinta não tem U. Estas Novellas lipogrammaticas occupam as cento e sessenta e duas primeiras paginas do volume.

As composições lipogrammaticas são numerosas em Italia. Neste paiz, é principalmente sobre a letra R, que assenta a exclusão. Ha, de Vicente Cardona, um poema intitulado "La R. sbandita", e de Horacio Fidele "la R. bandita". Na mesma lingua, existe um conto de Riccoboni donde o R foi excluido. No começo de 1826, a mesma letra R. foi excluida de uma comedia publicada em Génova.

Na Allemanha, Burmann, tambem compoz poesias sem a letra, R. Gedichte ohne Buchstaben R (1778, in-8). Em geral, pôde dizer-se que todas as obras deste genero filiam-se no que se chama "nugae difficiles", e que não são proprias senão para recrear um instante. Por isso, qualquer autor seria bastante condemnavel, se nellas empregasse todo o seu tempo; daria pessima idéa do seu gosto e do seu talento. Todavia, a ninguém pôde ser contestado o direito de se distrahir, alguma vez, de occupações serias, com estas bagatellas.

Cohecemos, sem nome de autor, uma collecção franceza de vinte e cinco quadras, em alexandrinos, em cada uma das quaes falta uma das vinte e cinco letras do alphabeto. São quadras moraes sobre diversos assumptos e que não tem outro mérito que não seja o da difficuldade inherente a este genero de distração.

Afonso de Alcalá Herrera, portuguez oriundo de Castella, no seculo XVII (1611), publicou, em Lisboa, um livro, assim intitulado: — "Varios effectos de Amor em cinco Novellas exemplares, y nuevo artificio de escribir prosas y versos sin una de las cinco letras vocales". Não sabemos se as cinco novellas deste livro, serão as mesmas cinco em que abre o volume de Isidoro de Robles, acima citado, e publicado em Madrid, vinte e cinco annos depois de ter apparecido a lume, em Lisboa o de Herrera; mas é de presumir, que o seja.

O escriptor portuguez José Joaquim Bordalo, pae do notavel escriptor-marinheiro Francisco Maria Bordalo, renovou no primeiro quartel do seculo findo, esta ginastica litteraria, passatempo de escriptores antigos, e assim compoz a sua: "Collecção de cinco Novellas, em cada uma das quaes senão admite uma letra vogal".

Empregou o seu tempo como quiz, e conforme estava no seu direito; o que nos não tira o nosso de entendermos que o podia ter empregado melhor. No emtanto, justo é confessar, que as cinco novellas de Bordalo se leem ainda hoje sem desprazer, podendo o leitor desprevidente não dar, em cada uma, por falta da respectiva vogal, tão habilmente disfarçado se encontra o artificio da sua difficullosa composição.



A CAMISARIA PROGRESSO

Tem sempre grande stock em tecidos finos quer para confecção,
quer em artigos já confeccionados.

GRANDE VARIEDADE EM CAMISAS E CEROULAS PORTUGUEZAS

Troca-se ou reslitue-se a importancia paga por qualquer mercadoria que não corresponda á espectraliva do comprador.

PRAÇA TIRADENTES, 4

Phone C. 1880

OFFICINAS PROPRIAS

SOGRAS E GENROS

O genro manifesta pela sogra um horror profundo, ou pelo menos um respeito cheio de terror.

Acontece isto em quasi todo o mundo: é uma repulsão natural, segundo a historia.

Entre os *zulus* chega este furor a inventar uma palavra para designar uma pessoa que tem a desgraça de possuir no seu nome uma unica sillaba pertencente ao nome da sogra.

O cafre, quando se casa, não pôde vêr a sogra nem fallar com ella. Se tem necessidade de lhe fallar, deve-o fazer a grande distancia, e se o que tem a dizer é segredo, os dois interlocutores collocam-se dos dois lados de um muro. Se se encontram em logar estreito, a sogra deve esconder-se, se puder, atraz de uma arvore, e o genro tapa a cara com o seu escudo. Genros e sogras, entre os cafres, não podem pronunciar os nomes um do outro, e servem-se de periphrases.

Assim, se a sogra se chama *vacca*, e elles tem de pronunciar o nome deste animal, dizem: *a besta que traz chavelhos*.

Na Araucania, a sogra deve fingir grande cólera contra o genro que lhe furtou a filha, quando se casa, e á primeira visita que lhe faz a nova familia, a sogra deve voltar as costas ao genro, e mandar que os seus filhos façam outro tanto.

Na California os genros indigenas não devem olhar a sogra durante um certo tempo depois do seu casamento.

Kulcher explica esta aversão pelo costume dos antigos raptos de raparigas, que davam logar á aversão entre as familias. Mantegazza diz que a explicação mais natural é o *ciúme*.

As mulheres e a belleza

Lintz Macknaltzw, que ainda é considerado hoje o maior sabio no mundo artistico, quando se referia á mulher dizia com emoção: — "Entristece-me ver que ainda ha mulheres de apparencia feia quando na verdade ellas são lindas! Vejo nessas criaturas um véu que lhes rouba o encanto: esse véu ou é panno, sardas, espinhas e muitas vezes queimaduras do inverno ou do sol. Pobres criaturas, não imaginam o mal que á si fazem inconscientemente: os institutos scientificos tem produzido centenaes de productos que outra applicação não tem senão nestes casos. Eu não discuto o valor de taes productos, mas cabe-me dizer á bem da verdade que sempre vi no creme de cera purificado e no leite de cera purificado, ambos de Franck Lloyd, productos scientificamente extrahidos á natureza, aquelles que melhores resultados dão nos casos acima apontados".



PASTA PARA DENTES

MEU CORAÇÃO

-- Producto da Comp. de Perfumarias Beija-Flor --

*Para a hygiene da bocca
e conservação do esmalte dos dentes
não ha melhor.*

Preço — Tubo 2\$000 e 1\$200

Á venda em todo o Brasil

PERFUMARIA LOPES

Praça Tiradentes Ns. 36 e 38
e rua Uruguayana N. 44 RIO

J. LOPES & Cia.

Grandes exportadores de perfumarias nacionaes
e estrangeiras.



LOÇÃO MEU CORAÇÃO

Superior ás melhores.